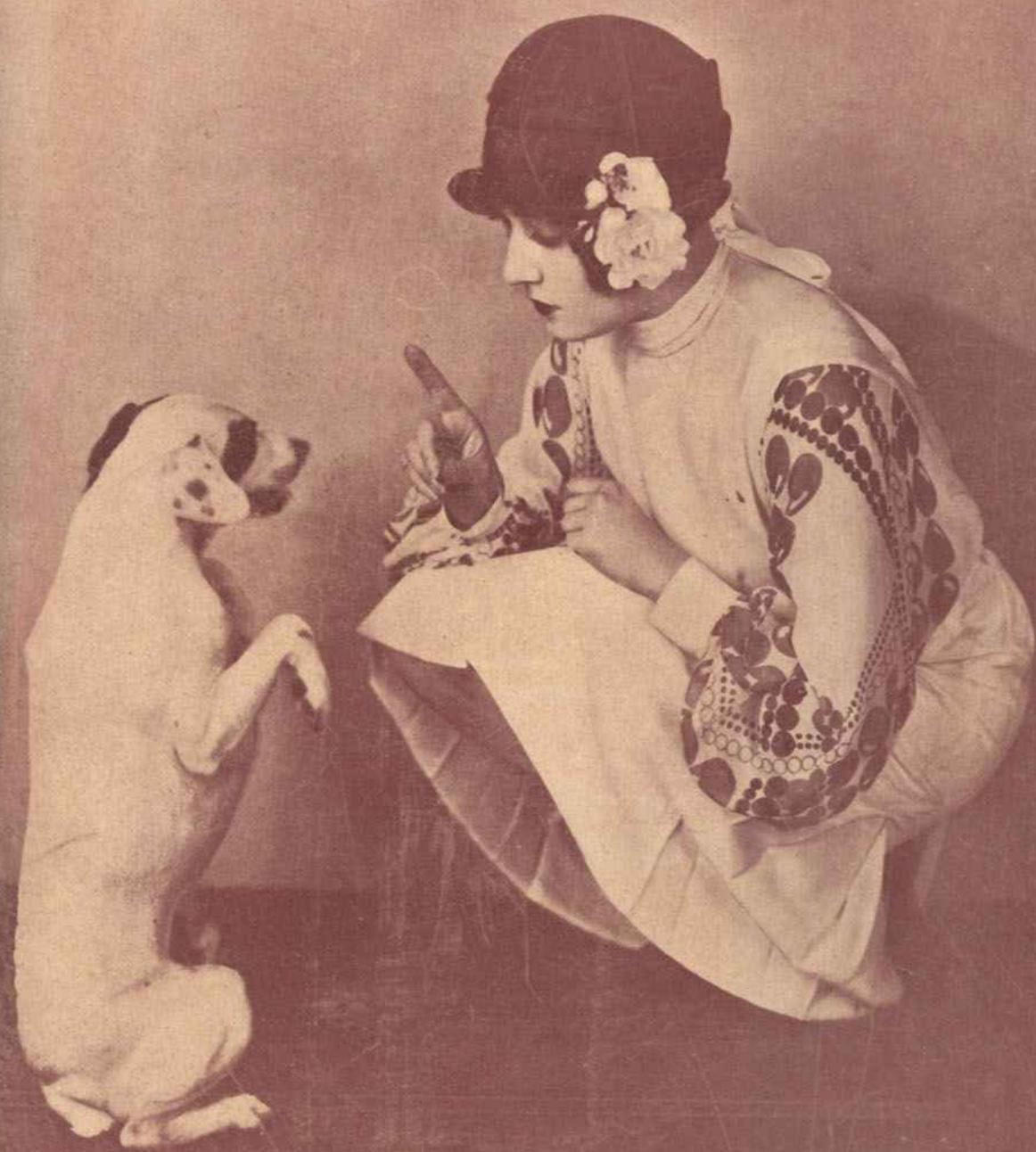


ILUSTRAÇÃO



2. ANO
NUMERO 34

Lisboa, 16 de Maio de 1927

PREÇO
4\$00

Urotropina effervescente

Schering



Refresca

porque com ela se prepara uma bebida gazosa de sabor agradável

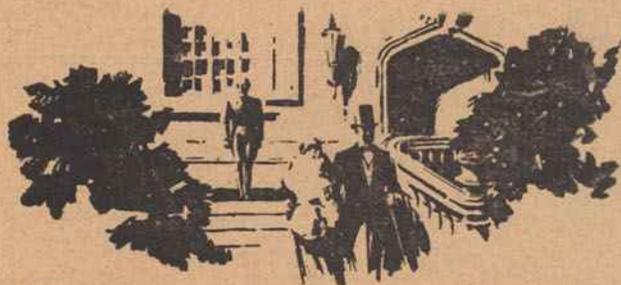
Evita

porque é o profilactico mais eficaz contra as enfermidades infecciosas

Cura

porque a Urotropina é segundo a opinião de todos os médicos, o mais poderoso desinfectante interno.

insista n'este empacotamento original Schering.



Os Novos Aperfeiçoamentos

Eis a lista dos aperfeiçoamentos a admirar nos automoveis Dodge Brothers — triumpho ininterrupto em doze mezes de progresso tecnico:

Novo eixo motor de cinco chumaceiras (em substituição do typo de tres chumaceiras). . . Novo systema de arranque e iluminação de dois órgãos (em substituição do typo singello). . . Purificador de ar de feito aperfeiçoado. . . Alavancas da ignição e do regulador de borboleta acima do volante, para mais conveniencia. . . Assento suplementar no Roadster de

Sport . . . Novas linhas, mais graciosas, da carroceria. . . Novas côres, lindas e vistosas, da pintura. . . Construcção aperfeiçoada toda de aço da carroceria. . . Visão mais ampla para a conducção. . . Iluminação indirecta do taboleiro de instrumentos nos typos De Luxe e Sport. . . Muito mais commodidade de andamento. . . Funcionamento do motor ainda mais suave e silencioso.

Mais belleza, mais commodidade e extrema suavidade e silencio, por preços que nenhum automobilista pode agora desdenhar!

BERNARDINO CORREIA, L^{DA}.

SECÇÃO DE AUTOMOVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

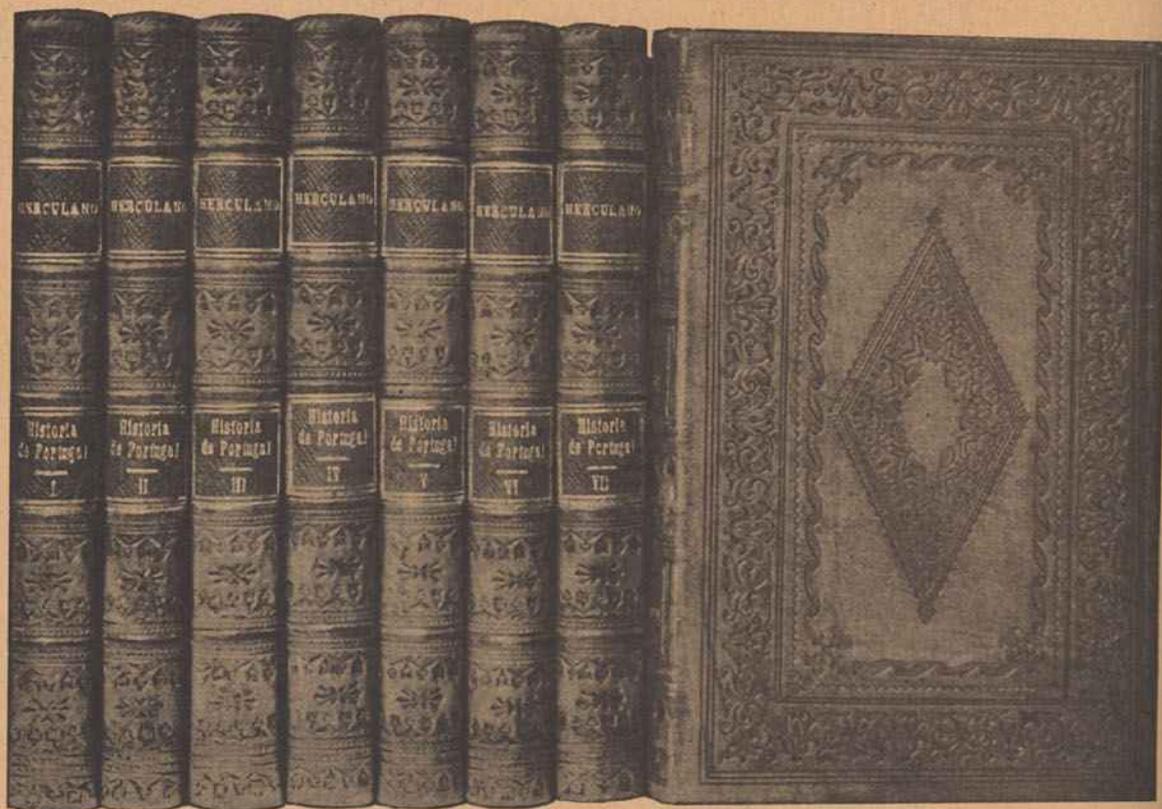


HISTORIA DE PORTUGAL

POR

Alexandre Herculano

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplêndido papel, publicando-se um volume mensal

A SAIR EM MAIO O VOLUME I

Por assinatura: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

Preços em brochura: Continente e Ilhas, incluindo despesas de correio, cada volume: **Escudos 10\$00**

COLONIAS PORTUGUESAS
PAGAMENTO ADEANTADO

Incluindo porte, embalagem e despesas de cobrança, etc.

Depois de publicados os 8 volumes, só se venderá a Obra completa pelo preço de Escudos **80\$00**

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

Livrarias Allaud e Bertrand — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Mais uma opinião valiosa a respeito dos produtos

SHELL

Transcrição do telegrama do célebre AZ itallano
Marquez de Pinedo

COMPAGNIA ITALIANA DEI CAVI

Telegramma

Ricevuto: ore 10,5 - data 22 3



TELEGRAFICI SOTTOMARINI

via Italcable

Ricevente

Mod. 156-200.000-11-1926

LCO NAFTA GENOVA =

Il Governo Italiano e la Compagnia non assumono alcuna responsabilità
civile in conseguenza del servizio della telegrafia

La ora indicata sono quelle del paese di origine.

Il destinatario è tenuto a firmare la ricevuta prescritta del fatturato ed
a segnare la data e l'ora della consegna. Nulla è dovuto al fatturato del
ricevuto. Il lavoro ricevuto una ricevuta si stampa quando è incaricato di una
distribuzione.

Per qualsiasi reclamo vedere il telegramma.

GENOVA HAVANA 44-17< ITALCABLE =

RIFORNIMENTI BENZINA SHELL RISULTARONO FINORA
PIENA SODDISFAZIONE PER QUALITÀ ET PER ECCELLENTE
ORGANIZZAZIONE = DEPINEDO =

TELEGRAFATE • via ITALCABLE • USANDO I MODULI DELLA COMPAGNIA, CHE PORTANO GIÀ STAMPATA L'INDICA-
ZIONE • via ITALCABLE •; OVVERO, SE NON POTETE PROCURARVI TALI MODULI, AGGIUNGENDO VOI STESSI LE PARO-
LE • via ITALCABLE •, L'INDICAZIONE • via ITALCABLE •, È SEMPRE GRATUITA.

ENCLOSURE
N° 658

TRADUÇÃO:

Os reabastecimentos da Gasolina SHELL deram até agora resultados plenamente
satisfatórios tanto em qualidade como pela eficiência de organização — De Pinedo.

SHELL

GAZOLINA — PETROLEO — OLEOS

Os produtos SHELL encontram-se em todas as boas garages

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

Depositários em todo o País

O Melhor Brinde para Crianças

EDIÇÕES ILUSTRADAS

**Bi-
bli-
o-
te-
ca

In-
fan-
til.**



**Bi-
bli-
o-
te-
ca

R o -
sa**

**Cada
volume, bro-
chado esc. 6\$00
Com encadernação
especial esc. 10\$00**

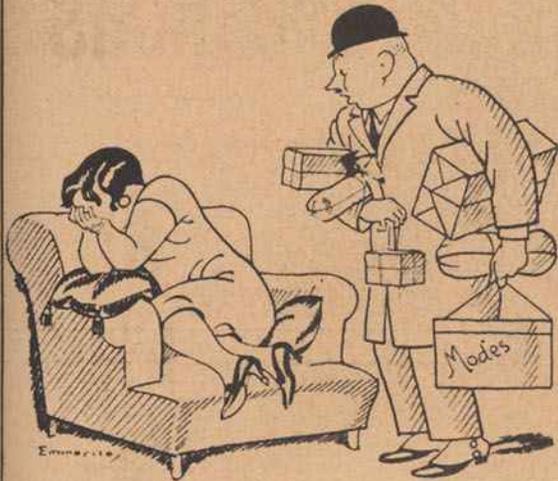
**Cada
volume com
encadernação es-
pecial e de luxo
Escudos 12\$00**

Pedidos aos editores:

Livrarias AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

o seu maior desejo!



- « Para que estás com esse ataque de nervos! Parece-me que trouxe tudo o que me pediste! »
 - « Esqueceste o Magazine Bertrand! »

T. S. F.



ACUMULADORES OLDHAM

Especialidade para telefonía sem fios.
 Uma bateria Inglesa da mais sombria construção
 Entrega imediata

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
GILMAN & GILBERT, L.^{DA}
 Rua da Prata, 130 - LISBOA
 TELEFONE C 316

Os
 autenticos

**Saes de Fructos
 "SIGLA"**

os unicos que não amargam, nem irritam e são superiores aos seus similares.

Venham-se nas boas farmacias

Exijam esta marca



Deposito geral: **FERREIRA & NEVES L.^{DA}**
 N. dos Bacalhoes, 121, 2.^o

LISBOA
 T. O. 268



**Aspirador de Pó SIEMENS-
 "PROTOS"**



O Aspirador de Pó Siemens-"Protos"

obteve o 1.^o **PREMIO**
 em prova de qualidade

O melhor e mais perfeito em todos os sentidos
 Consumo por hora 150 vatios
 25 centavos aproximadamente

Preço Escudos 900\$00, completo



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recomendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o período da crescimento.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 8, Rue de la Tacherie, PARIS



PETROLEO

M. d. P.

HAHN



PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24\$00 FRASCO PEQUENO 17\$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}

15, RUA DOS SAPATEIROS - LISBOA



Casa Penim Lda

151 RUA AUGUSTAISE TEL. 6231

LISBOA

BRINDES

a todas as nossas Ex.^{tas} Clientes

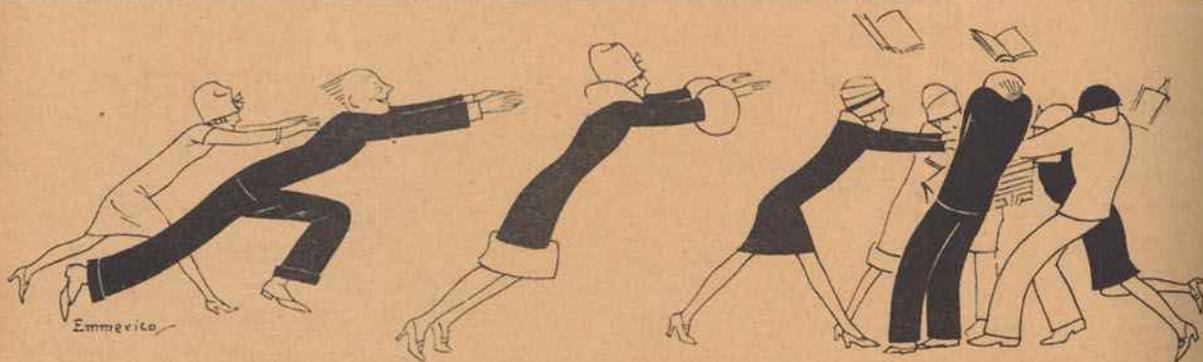
LINDOS BALÕES
PÓS BÉBÉS

Compras directas nos principais centros fabricis da Europa. Sortido deslumbrante das

ULTIMAS NOVIDADES

de Paris, Londres, Berlim, Suissa e Lion.

Preços de verdadeira sensação



Foi posto á venda mais um numero do

MAGAZINE

Nº 5

BERTRAND

Nº 5

Na administração da "Ilustração", Rua Anchieta, 25, compram-se exemplares, em bom estado, do n.º 28 a Escudos 10\$00, cada,

Ford

Lincoln

Fordson

unicos agentes oficiais

OREY, L.^{DA}

Rua 24 de Julho, 42—LISBOA—Telefone: Central 97

IMPORTANTÍSSIMA BAIXA DE PREÇOS

Turismo de 5 lugares:

14.500\$00

Sedan de 5 lugares:

18.500\$00

Tractor: 14.800\$00

Camionete 1000/1500 k.^{os}

11.750\$00

Camion 2000/2500 k.^{os}

20.000\$00

Todas as unidades "FORD" são munidas do vaporizador Holley, para poderem trabalhar a Petroleo, tornando-se os carros mais economicos da actualidade

OREY, L.^{DA} tem actualmente o maior stock de peças "FORD", autenticas, do Paiz

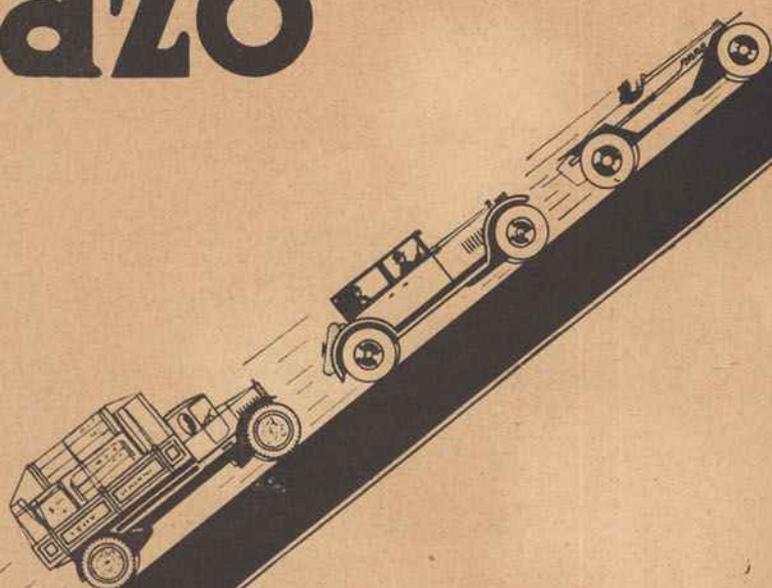
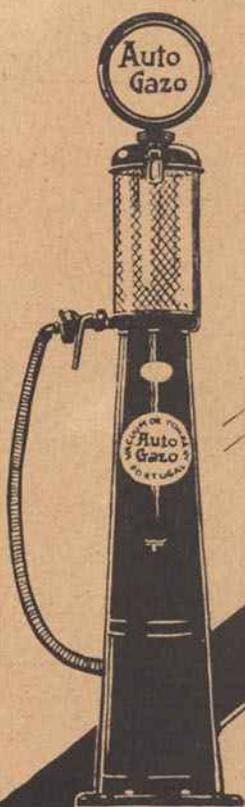
Ninguem compre sem consultar o unico agente oficial Orey, L.^{da} para evitar adquirir peças falsificadas

Material agricola Ferguson e Moline

Fabrica de Carrosseries para Camions e Camionetes

Caixas de quatro velocidades Ruckstell para carros e camions "FORD"

Auto-Gazo



a gazolina
que inspira
confiança

VACUUM OIL COMPANY

15, RUA DA HORTA SÉCA, 17-LISBOA

TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)



Mobiloil

Guie-se pela nossa tabella de recommendações

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUARIO COMMERCIAL

P. dos Restauradores, 21—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

.....
DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS
.....

ANO 2.º — NÚMERO 34

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE MAIO DE 1927



A BATALHA DE FLORES NA AVENIDA DA LIBERDADE

PROMOVIDA PELO SR. GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA, REALIZOU-SE NO DOMINGO, 8 DO CORRENTE, UMA BATALHA DE FLORES NA AVENIDA DA LIBERDADE, EM BENEFÍCIO DAS INSTITUIÇÕES DE BENEFICÊNCIA PARTICULAR DA CAPITAL.

CRÔNICA DA QUINZENA

NESTA quinzena intercala-se a *Semana da Criança*, bom pretexto para divagar sobre as coisas da educação.

Teremos o dia da *Festa escolar*, onde se exporão trabalhos manuais infantis e se exaltarão o nobre desejo individual do progresso, realizando-se também conferências populares para adultos sobre o tratamento e a higiene das crianças e os deveres dos pais para com elas; teremos depois o dia da *Solidariedade Infantil*, durante o qual as crianças se reunirão na escola para fundar ou aperfeiçoar a sua associação escolar e levar brinquedos aos pequenos doentes e hospitalizados. No dia dos *Contos* haverá leitura ou recitação de histórias apropriadas, exposição de material didáctico, e à noite conferências para adultos sobre os fins e meios da reforma da educação em Portugal. Depois virá o dia do *Animatógrafo educativo*, e o dia dos *Pequenos e dos brinquedos*, e o dia da *Festa ao ar livre e da confraternização infantil*, com distribuição de livros, canto coral, merenda, e à noite reunião de adultos para estabelecimento de sociedades promotoras do aperfeiçoamento da educação e protecção à infância, nas respectivas localidades.

Esta é a sùmula do programa organizado pelos professores a quem se deve a iniciativa da celebração, e o seu êxito depende, naturalmente, da inteligência com que esse programa seja compreendido por todo o país, do carinho com que os seus numerosos executantes o recebam e, sobretudo, da sinceridade com que o aceitem e executem. São actos cívicos, estes, que perdem toda a significação e todo o interesse, perante os homens de boa-vontade, quando os determina o simples prurido de macaqueação do que se faz «lá por fora», o mero desejo de não ficar atrás do colega que se agita, ou o cadavérico espírito burocrático, que tudo estiola, mumifica e amortalha.

A opinião-pública devia prestar a iniciativas destas a sua adesão e, mais ainda, o seu entusiasmo. Para isso convinha, em primeiro lugar, que ela existisse, e, dada esta premissa, que não estivesse profundamente preocupada com os tabacos, a cocaína e o jôgo, ou distraída e deliciada com as representações da *Mouraria*, do *Triste Fado* e do *Bairro Alto*. E não me diga agora o leitor, com a sua terrível ironia, que para captar a atenção e cooperação daquela viciosa senhora, interessando-a nos problemas educativos, seria preciso instituir, antes da *Semana*

da *Criança*, o *Mês*, o *Ano*, ou talvez o *Século do Adulto*.

Concordo que a nossa opinião-pública precisa de ser educada, ou reeducada, ou, mais seguramente, gerada na dor dos moralistas, dos reformadores sociais, dos poetas cívicos, e de todos os outros Pinheiros Malucos que para aí andam a pregar no Deserto, pe ante o riso ou a indiferença dos respectivos camelos.

Mas não esqueçamos que, por toda a parte, a opinião pública vê na escola, em primeiro lugar, um desembargo fácil para onde a boa mãe de família manda o pequeno traquina e barulhento, enquanto ela fica sossegadinha em casa, a arrumar-lhe o quarto e a pontear-lhe as meias; e, mais tarde, um instrumento mágico, espécie de talismã que, por artes de berliques e berloques, transforma o menino em homem, e o encargo doméstico em fonte de receita. A escola, do ponto de vista da família, é uma surdina contra o barulho e uma camisa de forças contra a agitação dos filhos pequenos; depois tem de ser apenas um passaporte que lhes faça entrar na vida prática os filhos criados. Filhos pequenos, a escola que os ature; filhos crescidos, a escola que os empregue. Tirante isto, a opinião pública não sabe nem quer saber de outra pedagogia.

Assim é, mais ou menos, por toda a parte; o que diverge, segundo os climas sociais, morais ou políticos, é outra coisa: é a existência, ou não existência, fora e acima da opinião pública, de uma organização honesta do ensino nacional e de um idealismo pedagógico sincero, inteligente e militante.

Já eu o disse allures, mas convém repeti-lo: «*Esmola e escola*. Aqui estão duas palavras que não só rimam uma com outra, mas quasi se confundem uma com outra, porque basta trocar-lhes uma letra para as transformar uma na outra. Pois essas duas palavras, tão parecidas, podem simbolizar sôzinhas duas noções da vida social muito diferentes. Há países onde a *escola* é *esmola*, quando a criam ou inventam para dar de comer a parasitas e homens fracos, que se pintam ou mascaram de professores para ganhar a vida, e assim não fazem senão perder as vidas das crianças que lhes entregam, e de que só poderão fabricar futuros parasitas, futuros pedinchões de *esmola*. E há outros países onde, pelo contrário, a *esmola* é *escola*... quer dizer: onde a generosidade dos ricos sabe criar mais energia e mais capacidade nos pobres».

r. justo, pois, que se não deixe passar

a *Semana da Criança* sem referência agradecida a aqueles grandes cidadãos portugueses que nos últimos tempos, por doações ou legados generosos, prestaram relevantes serviços à causa da educação e ao futuro da nossa Pátria: a senhora Barbosa de Andrade, que tornou possível a fundação do Instituto de Orientação Profissional de Lisboa, tão acertadamente entregue a direcção do Dr. Faria de Vasconcellos; o aoranoso José Inácio de Sousa que, tendo enriquecido na América do Norte, deixou agora 100.000 dólares em benefício da assistência pública da sua ilha natal de S. Jorge; o benemérito desconhecido que há dias entregou ao Dr. Augusto Monjardino a soma importante de 1.500 contos, para se concluir o edificio da Maternidade de Lisboa.

Estes são grandes exemplos da *escola* que pode transformar-se em *escola*: quanto à praga da *escola-esmola*, a cura dêsse mal, onde ele grasse e devaste a riqueza moral e material de uma nação, tem por força que ser lenta e difícil.

Não bastaria uma *Semana do Mestre* para entranhar bem, na consciência ou na medula de certos professores de qualquer grau e de qualquer escola, que o progresso, a riqueza ou a dignidade da nação estão principalmente nas mãos, quero dizer, nas almas e nos corações dos seus mestres: que nenhuma riqueza material de instrumentos e instalações escolares compensa ou supre a excelência moral e intelectual de um verdadeiro educador; e que não há no vasto mundo, por milhões, que sejam alguns dos Estados que o compõem, um único país onde o professor digno dêste nome possa ser pago como merece.

O verdadeiro mestre é, por definição e por força, um sacrificado, porque tem de ser um missionário, um apóstolo, um mártir, um poeta, um santo, e até, talvez um artista que na sua própria arte — e nela só — se satisfaça e console, porque o público diante de quem trabalha, que são as crianças, é que há-de constituir a sua obra-prima, mas não pode nem sabe, porisso mesmo, pagar ao menos em aplausos e ovações o criador da sua própria beleza.

Bem feitas as contas, a negra e sáfara ingratitude vem a ser o único prémio do bom mestre: mas este não deve pensá-lo, e muito menos senti-lo, porque no dia em que o sacerdote ou o artista sintam e pense como funcionário, a sua função ficará irremediavelmente prejudicada.

ACTUALIDADES



O sr. presidente da República visitou detidamente, a convite da respectiva Ilustração, a Sociedade Protectora dos Animais, a benemérita instituição cuja acção em Lisboa é bem conhecida, merecendo o caloroso aplauso de 15 das almas bem formadas. Ao sr. General Carmona mereceu particular interesse o posto de socorros e o museu dos instrumentos de tortura.



No Avenida-Palace realizou-se, com numerosa assistência, um banquete de homenagem ao sr. Dr. Mário Tavares de Carvalho, a quem a actividade industrial muito deve.



Com a assistência do Chefe do Estado foram inaugurados no dia 4 do corrente, na Companhia Portuguesa Radio-Marcanti, as comunicações radio-telegráficas da metrópole portuguesa com as suas colónias e com o Brasil.

ACTUALIDADES



A Ilustre cantora-amadora, sr.^a D. Ema Romero-Santos Fonseca, propoz-se tornar conhecida, entre nós, a música vocal de todos os países, tendo já realizado, em sua casa, dois concertos, com grande brilho e notável assistência, sobre as canções dos peles-vermelhas e sobre música yugo-slava



O Ilustre aquarelista Alberto de Sousa, junto dos trabalhos que actualmte expõe, como nos anos anteriores no Museu do Carmo



Um aspecto da exposição de trabalhos femininos, promovida pela revista de modas «Evas» e realizada, com grande êxito, nos Armazens Grandela

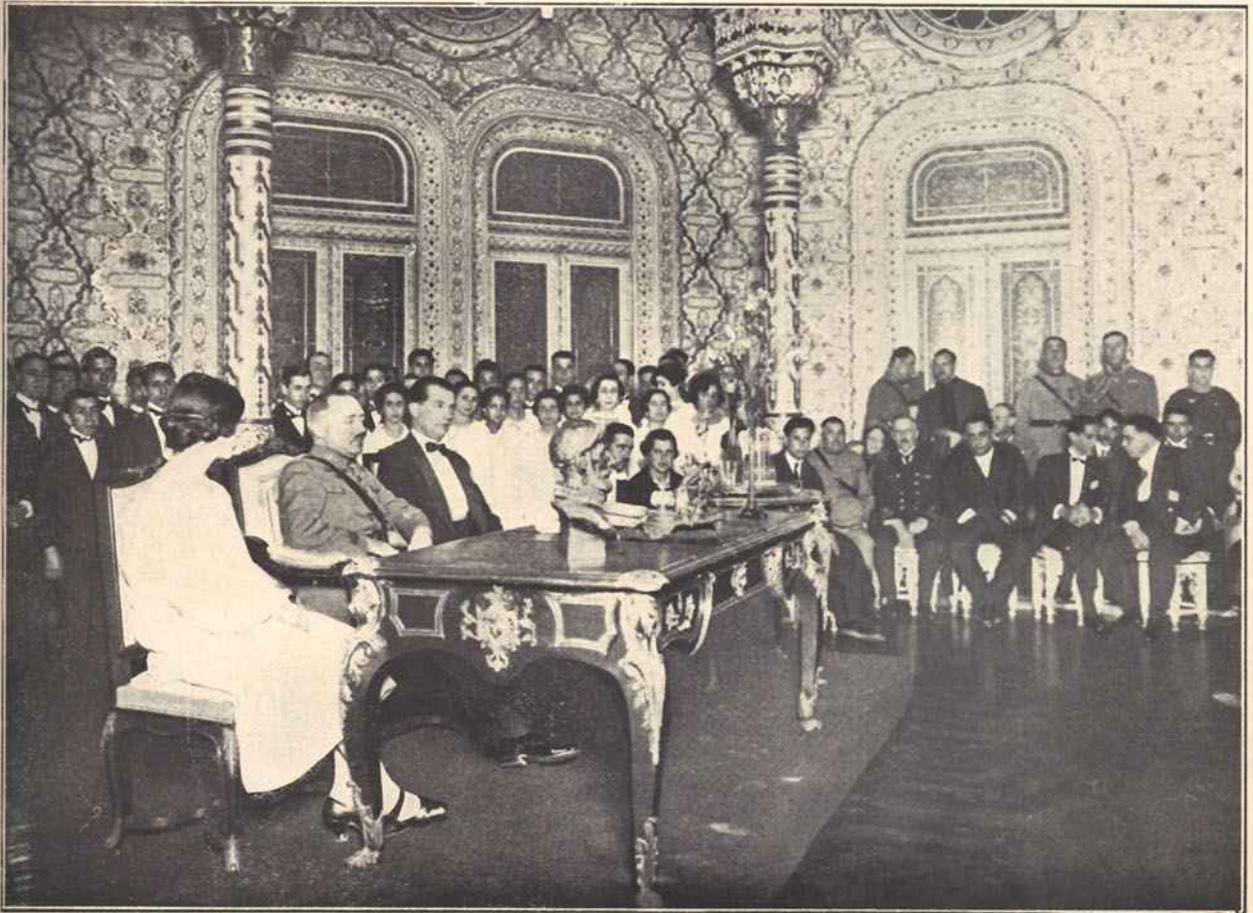


Assistência à festa realizada no dia 1 do corrente, no Ateneu Comercial de Lisboa e promovida pela Cruzada de Protecção à Orfandade Feminina de Lisboa, comemorando o 1.^o aniversário da sua fundação



Aspecto da conferência realizada no Colégio Vasco da Gama pelo sr. Dr. José Maria Queirós Veloso, Ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa e Director Geral do Ensino Secundário, subscrito ao tema: «Uma alta figura feminina do século XVI — D. Francisca de Atálio»

ACTUALIDADES



Comemorando o aniversário da descoberta do Brasil realizo-se no Porto, no salão grande do Palácio da Bolsa, uma brilhante festa, numerosa e selectamente concorrida, tendo sido da palavra o sr. Dr. Leonardo Coimbra.



Aspecto da festa que anualmente o Triângulo Vermelho dedica aos vendedores de jornais da capital do norte e durante a distribuição de prémios.



A visita do sr. Ministro da Marinha a Espinho — No oval: o sr. Ministro da Marinha à saída da Câmara Municipal. À direita: Assistência ao banquete em honra daquele ministro, realizado no Grande Hotel de Espinho



Assistência à festa de homenagem à distinta cantora, D. Caetida Ortigão, realizada no Porto, em casa da sr.^a D. Juliana Falconiere de Oliveira, ilustre professora de harpa



Visita dos srs. Ministro da Agricultura e da Justiça ao Douro: na estação de Campanhã

SOCIEDADE ELEGANTE



Grupo de estudantes e tricenas da revista «Soma e segue», original de Chagas Roquette e Acácio de Paiva, musicada pelo maestro Filipe Duarte, que foi levada à scena no Teatro Politeama, interpretada por amadores da nossa primeira sociedade, entre os quais muito se distinguiram a sr.^a D. Laura Reis e o sr. Luis Gama.



Na noite de 3 do corrente, aniversário da descoberta do Brasil, realizou-se nas salas do Club Brasileiro uma brilhante festa, que foi iniciada com uma interessante conferência do distinto jornalista sr. Carlos Gilla, tendo assistido todo o pessoal da embaixada e consulado e numerosos membros da colônia brasileira.

SOCIEDADE ELEGANTE



Na paróquia de Arroios celebrou-se o casamento da sr.^a D. Sara Gabriela Pereira Breia, filha do sr. Anibal Pereira Breia e da sr.^a D. Elisa da Conceição Pereira com o sr. Ernesto Augusto Severo de Oliveira, tendo o reverendo prior daquela freguesia, sr. dr. Pontes, proferido uma brilhante alocução.



Assistência ao casamento da sr. D. Alda Iraz Cardoso Pessoa com o sr. João Maria Fátima de Freitas, que se realizou no dia 23 de mês findo, na capela do palacete dos pais da noiva.



MALHÔA — Abóboras

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



Desportos

CICLISMO

A 1.ª VOLTA A PORTUGAL

Iniciou-se em 27 do mês passado esta importante prova de ciclismo, organizada pelos nossos colegas *Diário de Notícias e Os Sports*.

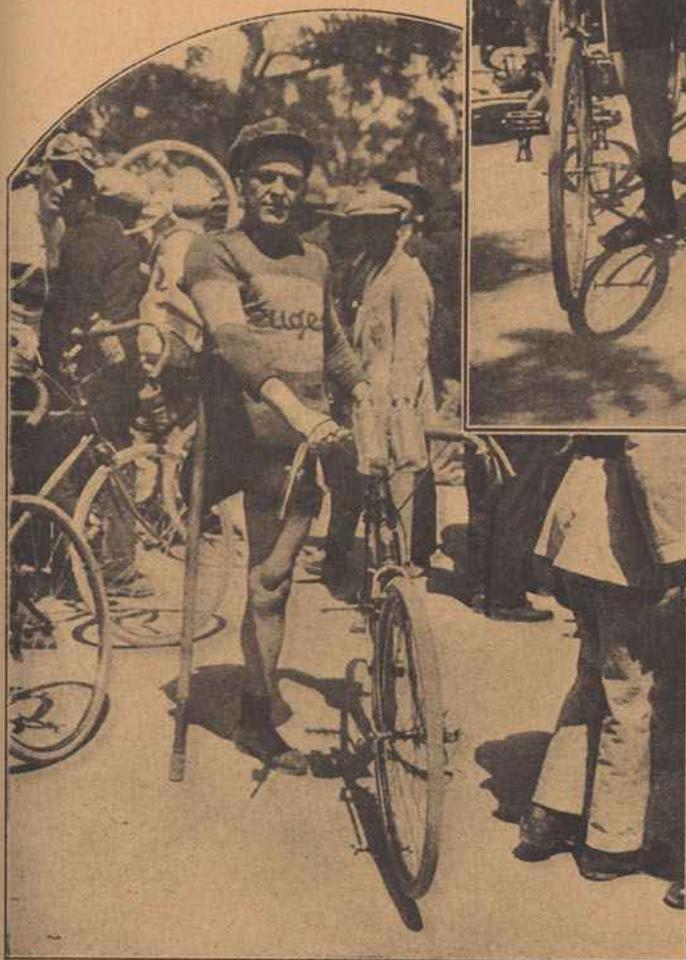
O número de corredores inscritos foi de 42, achando-se representados nesta prova todos os clubs que se dedicam a este desporto.

É a primeira vez que se realiza no nosso país tão extraordinária prova, que tem por fim valorizar e fazer rejuvenescer um desporto que, sem dúvida, é dos mais úteis e que entre nós parecia estar votado ao abandono.

A partida dos corredores fez-se da Praça Marquês de Pombal, em Lisboa, seguindo estes para o Terreiro do Paço onde embarcaram para Cacilhas,



Os concorrentes militares momentos antes de sair da Praça Marquês de Pombal



O ciclista Augusto Santos

acompanhados sempre por uma grande multidão de desportistas e amigos.

O número total das *etapes* a percorrer é de 18, representando uma extensão de 1058,500 metros.

Como nota curiosa desta prova há a registar a aparição de um ciclista cõxo, Augusto Santos, conhecido pelo «cõxo dos pneus», o qual não se podendo inscrever, tentou acompanhar os que oficialmente tomam parte na prova.

E cedo para falar ainda do sucesso desta prova, sob o ponto de vista desportivo, mas segundo nos consta, reina grande entusiasmo pelas terras onde os corredores tem de passar.

Consta-nos igualmente que a organização dos *controles*, alojamento e auxílio aos corredores, tem sido muito deficiente, o que é para lastimar, pois que sendo assim, arriscam-se os organizadores a verem para o ano, seriamente prejudicados todos os seus esforços a ponto de eventualmente não poderem repetir a prova.



Os filhos da escola de Higiene em Lisboa. À esquerda, os alunos e a professora. À direita, os pais e os filhos. A escola de Higiene em Lisboa, fundada em 1884, é a primeira escola de Higiene em Portugal.



Os alunos da escola de Higiene em Lisboa, com os seus respectivos livros de texto, no laboratório da Associação Promotora da Primeira Infância.

Contando Portugal no número dos países onde sempre faltaram a Beneficência, não devemos esquecer que pouco tempo após a criação em França, do primeiro orfanato de leite, se introduziu outra instituição em Lisboa, tanto mais que a ideia francesa adquirira desde logo justificação humana.

Para Dular, médico em Fécamp, que nos últimos anos do século findo — impressionado com a alta mortalidade das crianças, cujas mães não têm as condições nem condições mais ou menos indígenas para o seu difícil trabalho — se lembrou de lhes fornecer leite em boas condições de pureza, visando a criação das populeiras e a administração com o leite de higiene infantil.

É notando nos princípios da sua prática por Dular, médicos cheios de boa vontade, tendo a sua disposição leite higiênico e munição de uma lactação, para parar imediatamente a criação, iniciaram por isso a parte mais nova e generosa fase na luta contra a mortalidade na primeira infância.

Em Lisboa, um homem de coração largo e confiante de um grupo de individualidades em destaque no nosso tempo foi Boaventura de Sá e Castro, que em 1884, com a sua esposa, fundou a primeira escola de Higiene em Lisboa, tendo de sua actividade conseguido fundar em 1891



Os alunos da Escola de Higiene em Lisboa, com os seus respectivos livros de texto, no laboratório da Associação Promotora da Primeira Infância.

A ASSIS TÊNCIA À PRIMEI RA IN- FÂNCIA EM LISBOA



Um caso de lactação. A mãe está a dar o leite ao filho. O lactante encontra-se, ao mesmo tempo, numa escola de higiene e lactação e a mãe está a dar o leite ao filho.

a Associação Promotora da Primeira Infância, agremiação que estabeleceu entre nós o primeiro Alarcão, — designação que se julga preferível à de escola de Leite. E com esta instituição algumas dezenas de milhares de todo o mundo que visitaram a nossa capital por ocasião de



A Associação Promotora da Primeira Infância com os lactantes em uma escola de higiene e lactação em Lisboa.



Este é o edifício da Escola de Higiene em Lisboa, a Escola de Higiene em Lisboa, fundada em 1884, é a primeira escola de Higiene em Portugal. Foi fundada por Boaventura de Sá e Castro, com a sua esposa, fundando a primeira escola de Higiene em Portugal.

os estrangeiros que visitam os nossos países de turismo, a que pelas suas excelentes condições de estabilidade necessárias de assistência hospitalar.

Se com o auxílio de todos os meios de cultura dos lactantes de todo o mundo, é que a Associação poderá cumprir a sua missão, é um desiderato de todos os lactantes.

Associação de Higiene em Lisboa.



Lactante em uma escola de Higiene em Lisboa, com os seus respectivos livros de texto, no laboratório da Associação Promotora da Primeira Infância.

um Congresso de Medicina, realizadas nestas as instituições desta cidade no tempo que com a nossa se podiam encontrar. A instituição de um lactante com estas condições, permitindo a utilização de um leite em condições adequadas para a alimentação infantil, merece particular honra.

É um o exemplo de um grupo de lactantes Promotores Assistenciais, a Associação nossa de Higiene, estabelecendo os seus serviços, como se vê das gravuras feitas. Instalou um segundo lactante no Largo de Espinosa e tem em construção no Largo de Calçada.

Todavia a Associação Promotora da Primeira Infância, embora continue de ser a Associação que tem em vista a criação de um lactante em boas condições a uma morte precoce, não com dificuldade financeira, a pesar de nos administrarem ser por parte da mais preciosa administração. Assim, ainda não pôde inaugurar o serviço das Crianças, destinado a salvaguardar



O lactante em uma escola de Higiene em Lisboa, com os seus respectivos livros de texto, no laboratório da Associação Promotora da Primeira Infância.

A MULHER NO LAR E NA SCIÊNCIA

Sempre que, ao fálhar mais vivo um rasgo de espirito, de intelligência ou de iniciativa feminina, se intenta reconhecer na mulher mérito de acção fora do ciclo moral, sentimental ou frívolo, em que se convencionou sulocar a sua mentalidade, a incredulidade depreciativa, quando não a mordaz ironia da negação formal, rebatem sistematicamente a pretensão.

E, por mais repetidas provas de valor intelectual que a mulher, ao longo de muitos séculos de constante evolução educativa, venha prestando à sociedade, ingressando como lutadora decidida e vitoriosa em todos os campos abertos às explorações da intelligência e do esforço humano, o homem, o seu intransigente e galanteador inimigo de sempre, recusa-lhe todo o aplauso, toda a justiça, todo o apoio, desde que a veja agindo para além da barreira delimitante da sua influencia moral.

E assim, enraizada no preconceito granítico dum parcialismo irreductível, a negativa do mérito intelectual feminino prevalece, dogmática, cega, surda...

O tempo rola eras sobre eras; o progresso vai desbravando, lento, mas firme, a interminável estrada do passado ao futuro, e as demonstrações do valor feminino, nas sciências, nas artes, na política e até mesmo nas agrestes pelejas sociais, succedem-se, sempre num crescendo valorizante, — talvez porque êsse empenho de apoucar a mentalidade da mulher lhe

empreste, afinal, calor estimulante ao esforço e lhe redobre a acuidade intelectual. E poucos, muito poucos espiritos libertos da coacção do convencionalismo cravado nas consciências, concedem à mulher faculdades mentais e de acção, equivalentes às do homem.

Assim, quando, em face duma afirmação

inequivoca de talento feminino, é forçoso abator bandeiras, na confusão da derrota ante a eloquência das provas confirmadas, ainda o scepticismo murmura. Não jã para negar, porque lho não consente a evidência, mas para restringir a importância da manifestação mental da mulher que logra distinguir-se, à tacanhez de fenómeno esporádico, buscando-lhe a explicação numa pretensa aberração psicológica desequilibrante de virtudes, qualidades e aptidões privativas do sexo.

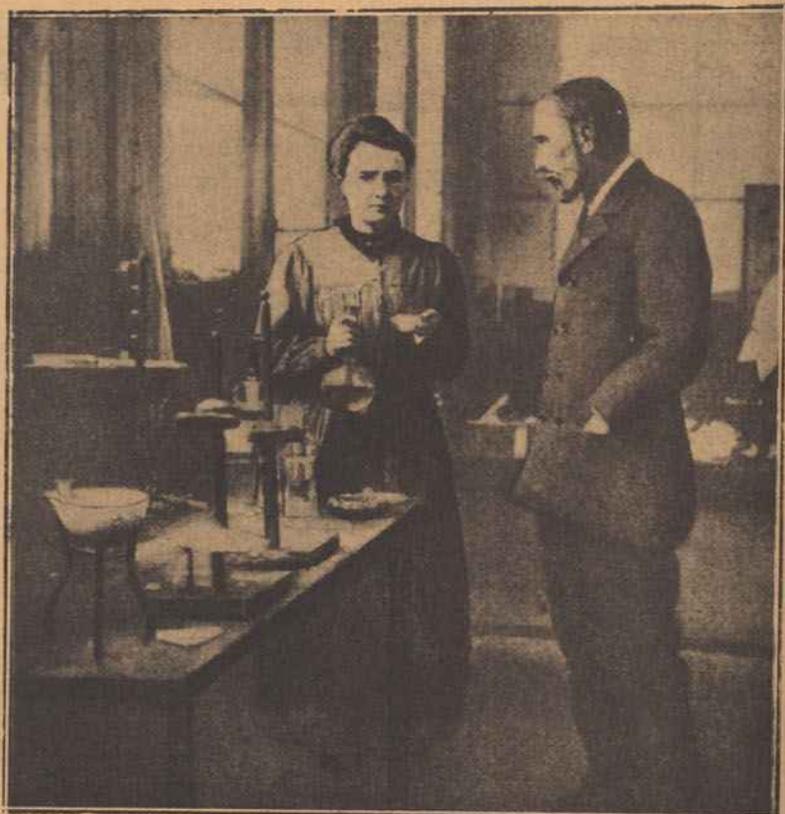
É opinião quasi geral que a mulher embrenhada nos assuntos scientificos, artisticos ou sociais é uma criminosa desertora do lar e da familia.

Para a grande maioria dos seus comentadores, a mulher que applica a sua intelligência na perquisição de assuntos estranhos aos trabalhos e deveres da maternidade e do lar, ilude a sua missão na terra, renega e deturpa as suas funções naturais, transforma-se num ser híbrido, deslocado na vida, num elemento inutil, quando não pernicioso, na obra evolutiva da humanidade. Perde, enfim, em feminilidade, sem ganhar vantajosamente em sabedoria.

Errada observação!

Nem a mulher, quando em rivalidade com o homem no campo da mentalidade, lhe fica em plano inferior, e, portanto, mal aprestada intellectualmente para competir com êle, em igualdade de circunstâncias, na prática das complexas occupações scientificas ou sociais, nem tampouco, quando, cedendo à vocação, abraça os estudos superiores, abdica da sua feminilidade-nativa e das suas naturais propensões psico-fisiológicas.

A mulher-intelligente, seja qual for o seu grãu



M.^{ma} Curie no seu laboratório



M.^{lle} Salerou trabalhando na sua obeloa



M.^le Marthe Oullé e as suas companheiras, tripulantes do veleiro «Bonitas»

de cultura, ou o ambiente em que a sua actividade se afirma, é sempre mulher. E quanto mais ela profundar os meandros labirínticos do saber, quanto mais o seu espírito se esclarecer e o seu cérebro se iluminar, tanto mais nitidamente compreenderá a sublime grandeza da missão moral e social que lhe foi distribuída pelo Destino, desempenhando-a não como quem arrasta um fardo incómodo e aborrecido, mas com a alegria dos apóstolos caminhando para a luz.

Só aquelas que, dotadas de mediocre inteligência, estonteadas por uns laivos de falsa cultura, deixam crescer na alma o desprêzo pelo encanto, simplicidade, virtudes e aptidões femininas, classificando-as pedantemente de incompatíveis com a superioridade intelectual, se deslocam espontaneamente do seu natural ciclo de acção. Só essas pobres enérgicas de uma lamentável fobia de feminilidade se empenham em transpor a barreira delimitante dos sexos, em mascararem-se de ânimo, gostos e aspectos varonis...

As outras, não. As mulheres de espírito e cultura superiores, longe de se envergonharem do sexo a que pertencem, procuram, à força de merecimento, de inteligência, de saber, resgatá-lo da grilheta de inferioridade a que um convencionalismo errado e parcial o condenou.

Quantas mulheres; que nas lápides do passado deixaram impressas admiráveis afirmações de talento, quantas outras, que de então para cá, até à hora presente em que as aspirações de emancipação do espírito feminino se intensificam, poderíamos citar como exemplo!

Que brilhante lista de nomes perpassariam, como contas dum rosário de fé, ante o scepticismo hostil daqueles — e são tantos!... — que não querem conceder à mulher a faculdade de se afirmar simultaneamente, com igual valor, no campo moral, científico, literário, artístico ou social, sem desprestígio feminino ou fulência de mentalidade.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a catrônica douta e brilhante, considerada em todo o mundo culto como a primeira humanista contemporânea, era encantadora de singeleza, de carinhosa solicitude feminina, a dentro do seu lar que ela sabia dirigir com rara habilidade e conhecimento dos afazeres domésticos.

Maria Amália Vaz de Carvalho, essa inteligência fulgurante, esse talento literário que tanto enriqueceu as letras portuguesas, era dum feminilidade cativante. A sua casa que

ela dirigia com atenta meticulosidade, oferecia um admirável exemplo de ordem, de elegância, de gracioso e impecável arranjo, como só um espírito muito feminino, muito apegado às pequenas cousas do lar, sabe estabelecer à sua volta.

Madame Curie, a mulher de ciência ilustre, mundialmente admirada, soube ser sempre, no remanso do lar, esposa e *ménagère* perfeita. M.^le Simone Sulerou, uma jovem engenheira francesa que, apenas contando 22 anos, mercê do seu talento e competência, desempenha na *Société des Lignes Telegraphiques et Téléphoniques* um lugar técnico invejado por muitos colegas do

de futuro, consistem em cultivar sempre a sua profissão, casar e tornar-se uma boa mãe de família a distribuir carinhos e cuidados pelo seu lar e pelos seus filhos.

M.^le Faure Favier, a aviadora francesa que tão arrojadas provas tem dado do seu ânimo forte, da sua pericia como piloto, é na intimidade dum impressionante graça e simplicidade feminina.

M.^le Suzanne Robert Schreiber que recentemente obteve em França a vitória feminista da nomeação para secretária do partido político radical, invoca como razão da sua labuta social o argumento de ser mãe, de adorar todas as crianças, e de querer trabalhar, para o bem de todas as mulheres sofredoras e de todas as crianças sacrificadas, porque, para ela, o lar e as crianças constituem o ideal máximo da vida.

E Marthe Oullé, e Hermine de Saussure, as intrépidas navegadoras que tendo por companheiras de aventura e estudo outras duas corajosas raparigas, realizaram já dois cruzeiros, através o mar Egeu, levadas no arripio brusco das ondas e dos ventos do Adriático e da Lybia, sobre a frágil casca de noz dum veleiro, do qual elas compunham toda a equipagem, apenas com o fim de realizarem pesquisas arqueológicas e oceanográficas em lugares há muito abandonados pelos homens! Também elas, a despeito do rude e extenuante labor da faina de bordo e do estudo febril, não desdenham a cozinha, a costura, os mil nadas indispensáveis das ocupações femininas.

E tantas outras, tantas, mulheres de superior energia e intelectualidade, viriam reforçar de exemplos convincentes a afirmação de que se pode ser mulher e sãbia, mãe e lutadora, esposa, dona de casa e profissional das letras, da ciência ou da política, sem prejuízo do encanto e do merecimento feminino, ou menos valia do esforço e da competência profissional.

Ah! não, não é verdadeira nem justa a crença estabelecida de que a mulher só a dentro do âmbito moral pode afirmar-se como colaboradora do progresso social, e que fora d'êla abastarda lamentavelmente a sua personalidade feminina, destrói o seu encanto, anula a graça delicada da sua psicologia.

A mulher inteligente é sempre mulher, em todas as circunstâncias e emergências da vida, e tanto mais feminina será quanto mais o seu espírito for culto e a sociedade lhe reconhecer, sem ironia, parcialidade ou sofisma, o direito e a competência de colaborar, a par do homem, na grande obra evolutiva dos povos.



«Bonitas» ancorada na baía de Argostoli

sexo forte, é uma criatura sedutora de simplicidade e encanto feminino, cujas ambições

HELESA DE ARAGÃO.



OS COMETAS

Sendo assim, qualquer cometa tem de voltar às proximidades do Sol, passando mais ou menos tempo conforme for a elipse mais ou menos alongada. Halley, aplicando a doutrina de Newton a 24 cometas de cujo aparecimento havia notícia certa, convenceu-se de que o cometa de 1531, o de 1607, o de 1682 e, provavelmente, o de 1456 representavam sucessivas visitas do

Pouco tempo depois de Cesar ter sido assassinado, apareceu um cometa no céu; e o fôsse espontânea crença popular, ou versão espalhada pelos amigos de Octávio, acreditou-se em Roma que o novo astro era a alma materializada do falecido ditador. Tanto o partido dos triúmviros como o dos republicanos aproveitaram o aparecimento do cometa para a sua política. Para os amigos do poder, ele foi considerado como bom presságio; ergueram-lhe um templo; e sentiram-se com dobrada razão para perseguir os assassinos dum homem que fora tomar lugar entre os deuses. Para os republicanos o cometa foi tido como um mau presságio, indicando o desagrado dos deuses pelas perseguições movidas contra o partido dos libertadores da Pátria.

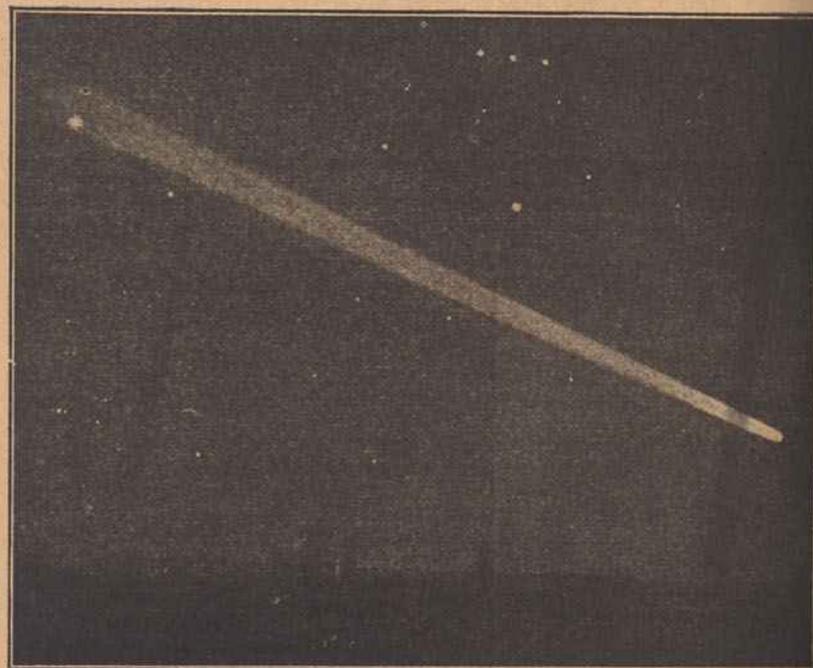
Assim foram os cometas, por toda a antiguidade, tidos como sinais de desgraça, ou, pelo menos, como indicações do céu relativamente aos fenômenos que interessam directamente a humanidade. Ainda em 1680, quando Bayle, por ocasião do aparecimento dum cometa, escreveu que estes astros nada podiam pressagiar, visto que a sua volta se realizava em épocas determinadas, a controvérsia que se levantou desdobrou em polémicas violentas.

Hoje só as almas simples, de instrução rudimentar, poderão ligar ainda algum crédito à influência do aparecimento de cometas nos destinos da humanidade. Tanto mais que muitos dêles aparecem e desaparecem no céu sem que o público seja conhecedor. Os astrónomos, só no ano de 1910, observaram sete cometas invisíveis para as pessoas que não dispunham de instrumental próprio para essas observações.

Em compensação, houve cometas descobertos por gente estranha aos observatórios. O lindo cometa de 1680, sobre o qual escreveu Bayle, foi visto pela primeira vez por um trabalhador dos arredores de Leipzig. Este mesmo inculto mas atento observador descobriu o cometa de 1680. O seu gosto pela observação dos astros transmitiu-se aos descendentes entre os quais apareceram alguns astrónomos apreciados.

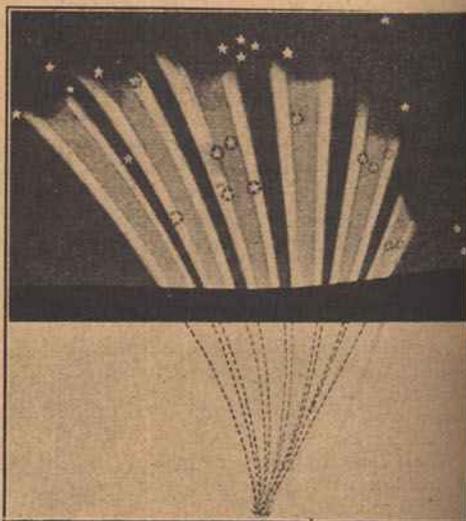
Alguns cometas ficaram célebres ou pelo seu brilho, ou pelo tamanho da sua cauda, ou pela ramificação desta. O grande cometa de 1861 tinha um núcleo de maior brilho que o das estrelas de primeira grandeza e uma cauda que medindo, no primeiro dia, 45 graus, chegou a atingir 120 graus. O cometa de 1744 tinha seis caudas de cerca de 300 de comprimento, tornando, pelas suas projecções na abóbada celeste, um leque maravilhoso. Aproveitou-o a moda para os penteados. Nesse ano, as mulheres tornaram-se *à la comète*.

Quando os homens se convenceram de que o aparecimento de cometas não representava aviso ou cólera dos deuses, tiveram de pro-

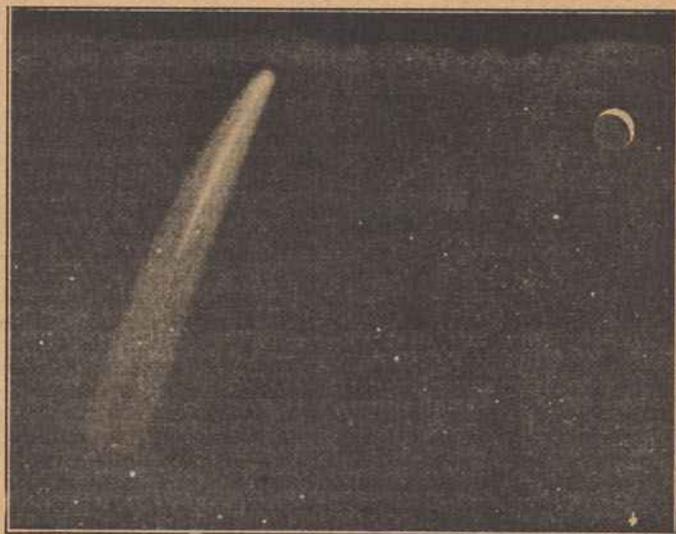


O grande cometa de 1861 cuja cauda chegou a atingir 300.000.000 quilômetros

curar-lhe origem de harmonia com os conhecimentos que a humanidade ia adquirindo. Supuseram que se tratasse de exalações da nossa própria terra; depois de astros com movimento rectilíneo ou parabólico, mas independente da atracção solar. Foi Newton quem demonstrou que a curva descrita pelos cometas é uma elipse de que o Sol ocupa um dos focos.



O cometa de seis caudas, de 1744, segundo um desenho da época



O grande cometa de 1882

mesmo astro ao nosso céu. Esse cometa de Halley apareceu novamente em 1759, tendo sido então descoberto por um camponez dos arredores de Dresde, e depois em 1835 e em 1910. Desta última vez trouxe alguns sustos a pessoas cujo espirito tinha sido inquietado por notícias dos jornais. Disse-se que ele viria chocar-se com a Terra, do que resultaria o fim do mundo. Possivelmente a Terra lhe teria allorado a extremidade da cauda, mas nenhuma modificação se sentiu nas condições físicas do nosso planeta. Não admira. Já em 1801 a Terra tinha passado através a cauda dum cometa sem que os homens tivessem conhecimento de tal que não fôsse o das observações dos astrónomos.

F. MIRA

LIVROS E ESCRITORES



¶ *Ruínas...* — romance duma alma — denuncia bem, pelo comovido tom das scenas que se encadeiam em seu entrêcho, que um delicado espirito de mulher o concebeu e urdiu: o da sr.^a D. Helena de Aragão, que há muito cultiva este género literário com elegância e brilho.



O que a politica perdeu, ganharam-no as letras: livro a livro, o sr. dr. Brito Camacho vai firmando uma admirável reputação de escritor. Nas *Jornadas*, cheias de luminosas páginas de descriptivo, aprende-se a amar a palsegem portuguesa. A seu lado, publicou agora também o autor uma nova edição do *D. Carlos, Intimo*, livro sobremodo curioso.



O sr. José de Faria Machado, autor do interessante romance *Novos Ricos*. A vida dum casal que, saindo da humildade, atinge a opulência, sem, paralelamente, alcançar o relêvo social que ambiciona, é dada com bom poder de observação nessas páginas.



O sr. major Sarmento de Beires, figura gloriosa da nossa aviação, é, além de enamorado das belas-lettras, um prosélito do teosofismo. Este pendor do seu espirito revela-no-lo o seu «romance metapsíquico», *A Cidade do Sol*, que há dias surgiu a público.

CONCURSO LITERARIO

Para este certame, aberto pela Ilustração entre os

ROMANCISTAS
E NOVELISTAS PORTUGUESES

e cujas condições constam dos números anteriores da nossa revista, inscreveram-se até agora as cinco obras seguintes: *Solteiras e Sem Estado*, do sr. dr. Vaz Ferreira; *Andam Faunos pelos bosques*, do sr. Aquilino Ribeiro; *Dever Sagrado*, do sr. João Amaral Júnior; e *Santa Rosa do Ermo*, do sr. M. Duarte Lopes.



O sr. dr. Vaz Ferreira trocou a pena de jurisculto pela de romancista: *Solteiras*, não nos faz dizer mal da troca. Nela, porém, cobrarão desapontamento todos aqueles que, amamentados por Júlio Dents, conservarem ainda a idea *trop lyrique* das virtudes provincianas.



¶ *Lourdes*, a última peça do sr. dr. Alfredo Cortez, appareceu agora em volume, servindo os que, pela sua leitura, quizerem aquilatar da justiça com que a crítica recebeu esse trabalho scenico de ambiente religioso.

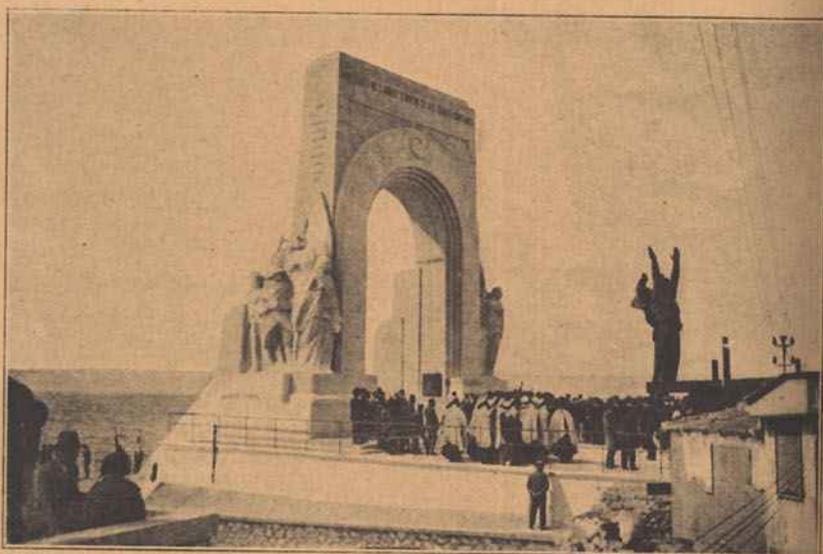


O sr. dr. A. Ribeiro Lopes, autor do ensaio *A Inteligência na Literatura Nacional*, no qual bastas vezes o panfletário, com seus excessos de opinião, se sobrepõe ao crítico sereno e justiceiro. Ombro com conceitos claros, outros aí surgem turvados de animosidade por certos autores contemporâneos. A maneira do que o impetuoso Léon Bloy realizou no *Ici on assassine les grandes hommes*, Filho, Oliveira Martins e Raúl Brandão, por exemplo, saem destas páginas pouco menos que a escorrer sangue.



O bibliógrafo sr. Henrique Marques, que contribuiu para o *Te-Deum* a Camilo, celebrado o ano findo pelas nossas lettras, com *Os Editores de Camilo*, que comprehendem valiosos subsídios para a história da livraria em Portugal.

POR ÊSSE MUNDO



LEMBRANDO OS MORTOS DA GRANDE GUERRA. — Em Marselha, foi inaugurado o monumento à memória dos soldados dos exércitos do Oriente, mortos em defesa da França. O monumento, sumptuoso e belo conjunto de escultura e arquitectura, ergue-se à beira do mar.

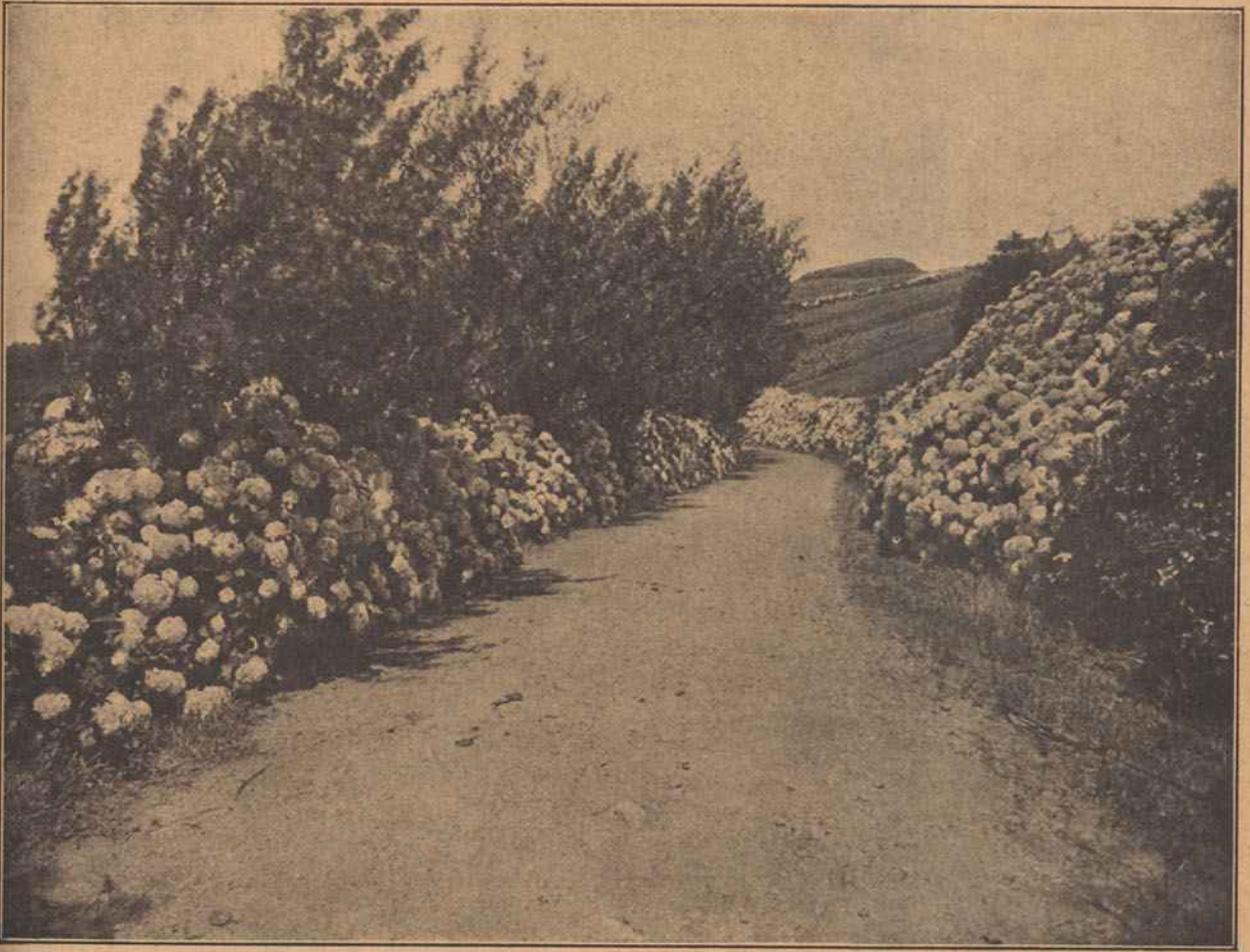
JOANA D'ARC NA Fogueira. — Escultura de Real del Sarte, oferecida pelo autor à cidade de Rouen, para o monumento a erigir no local do suplício da Donzela d'Orleans.



UMA ÁRVORE ANÁVEL. — Em regra as árvores são o flagelo dos automobilistas inexperientes, atravessando-se-lhes diante dos carros, nas estradas. A árvore que a nossa gravura representa, conhecida por «Wawona», que vegeta prósperamente no vale de Yosemite, California, não participa, porém, dessa animadversão contra o automobilismo, porque amavelmente se deixa atravessar por automóveis de tôdas as dimensões, fôrça e marca, sem empecer o caminho aos turistas.



A TELEVISÃO É UM FACTO. — A primeira demonstração pública de televisão realizou-se recentemente em Nova York. O sr. Walter S. Gifford, presidente da Companhia Americana de Telefones e Telégrafos, que a gravura representa, viu e ouviu o sr. Herbert Hoover, secretário do Estado do Comércio, discursar em Washington, a mais de 200 milhas de distância. O aparelho reproduziu num écran as imagens, à razão de 18 por segundo, vendo-se tôdas as expressões e movimentos dos lábios do sr. Hoover. Ao mesmo tempo, um poderoso *haut-parleur* transmitia o discurso, com tôda a nitidez.



A ILHA AZUL

Sigo pela estrada, quasi sempre a beira-mar, que dá volta à ilha. No automóvel tudo desfila como no ciné: — Fêteira e o seu branco campanário, as tamargueiras à beira do caminho, os campos de milho entre canaviais, e logo as casinhas de Castelo Branco...

Quero, mas não posso, fixar um quadrinho que mal distingo: um homem de grandes barbas brancas, guiando duas juntas de bois que calcam o trigo no eirado, e ao pé dêle duas raparigas que riem às gargalhadas. Só me fica a impressão alegre dos olhos e a boca do velho — e tudo desaparece na vertigem. Hortenses, figueiras, um ou outro castanheiro — e ao fundo já avança para mim um grande monte — Capelo. Hoje, neste dia turvo, as hortenses parecem mais azuis e mais

Do livro de Raul Brandão, As Ilhas Desconhecidas, editado pela livraria Bertrand, livro de luz e paisagem, no género dos Pescadores, em que o autor descreve as ilhas açoreanas, o Corvo, e o seu pequeno povo, o Pico formidável e todo o arquipélago, com os seus homens e os seus costumes pitorescos, a pesca da baleia e a do bacalhau, a emigração para a América, etc., transcrevemos o seguinte trecho sobre o Faial, na época em que as hortenses florescem

frescas. É uma estrada de sonho entre sebes intermináveis. E o automóvel corre... Dum lado já surge um grande monte escuro, Cabeço Verde, povoado na base, do outro o morro de Castelo Branco entrando no mar. Atravesso a cinza dos misterios, sempre por entre alas de hortenses cada vez mais azuis. O homem que teve a idea de bordar as estradas com estas plantas devia ter uma estátua na ilha. Em nenhum outro lugar elas prosperam melhor: querem luz velada,

humidade e calor — estão no seu meio. O seu azul é o azul esmaltado dos Açores nos dias límpidos. Nos dias turvos substituem a cor do céu: são o azul desta terra ennevoadada e uma das suas maiores belezas. Imaginem o cinzento que se derrete e alastra e torna o céu mais

es curo, a atmosfera mais húmida, e sob isto o azul cada vez mais azul, as mólhadas de flores dumna cor cada vez mais intensa e mais fresca. Há-as por toda a parte: nas estradas formando alas e nos campos formando sebes; servindo para dividir os terrenos e de tapagem aos animais pacíficos. Enchem a terra de exuberância e de azul. E o automóvel segue... Onde vão dar estas estradinhas, orladas de novelões e por onde não passa ninguém? Parecem ca-

miúdos de sonho, abertos para jardins encantados.

Mas o automóvel segue a sua carreira e ficame nos olhos e veludo da paisagem sob o céu pardo e uniforme, com aquele monte vermelho, ao fundo, que parece vomitar ainda fogo, e um bocado de mar dum violeta muito leve. Seis horas. Passamos a Praia do Norte e outra povoação de que não sei o nome, estonteada entre o azul das hidrangeas. As raparigas arrancam flores das sebes e atiram-nos com elas. Agora o automóvel só pára um momento na Ribeira das Cubras, diante dum abismo cortado a pique, de quatrocentos metros de altura. Há lá em baixo um plaino roxo e verde, junto à água avermelhada, cuja cor se harmoniza com o negrume da pedra e o violeta dos montes. É uma coisa parada, uma coisa assombrada, lá para o fundo do despenhadeiro, que se espria em mosto até ao Monte Verde, numa extensão de quilómetros e que me faz estacar de imprevisito pela irrealidade da situação e da cor e pela luz dum poente delicado que morre com uma doença violeta e verde, entre arabescos de ouro e farrapos plúmbeos, magoado, fantástico e febril. A pedra requemada reluz como ardósia ou absorve a claridade como pedra pomes. A planície roxa, com pinceladas mais escuras, acaba no mar e num fundo de névoa roxa, e toda ela esmorece sob a abóbada dorada e fantástica, traçada de raios decorativos.

Na última luz do dia surpreendo de corrida Cedros, Salão, as freguesias ricas da ilha, a Ribeirinha, outro aspecto da estrada sempre azul, cada vez mais azul, sob olaias, fechadas em cima com montes azuis riscados de sebes, ao longe. São enormes, são anainhas e toda a mouta só numa flor. São redondas e acoradas; formam paredes e novelos. Irrompem por toda a parte e apanham-se às braçadas. Entrevejo de relance a Praia do Almoxarife, muito branquinha ao pé do mar. Mas de estonteado já não reparo senão no azul que me deslumbra, em todos os tons do azul que me entram pelos olhos, o azul ferrete das hortensias — o azul que enche a terra e nunca mais acaba e que é talvez o verdadeiro céu dos Açores. De começo não distingo senão uma mancha e acabo por não distinguir senão uma mancha. Uma mancha e frescura. Uma impressão de volúpia e frescura: — tinta imóvel e viva que me atrai. E logo depois da impressão do azul, a maior impressão é a da vida que nos envolve em silêncio e que espera de nós não sei o quê e quer comunicar connosco. Como é possível extrair da terra seca



este jorro que nunca mais acaba? Sob a pele que calcamos corre um rio azul inesgotável, que ascende à superfície pelas hastas das plantas? Sinto-me tentado a esfurcar a crosta até encontrar a tinta, que deve formar o núcleo da ilha, e que logo, amanhã, vai explodir pelos vulcões, numa fantasmagoria de azul. Azul puro que se amontoa, sai aos jorros da terra, cerca-nos, espera-nos por todos os cantos, afoga-nos por todos os lados... Eu disse puro, mas creio que me enganei: esta carne delicada exposta nas ribanceiras, nua através dos campos, crescendo a sôlta pelos atalhos; esta carne que nos circunda e acaba por invadir a ilha e subir ao céu — é voluptuosa e exige de nós deslumbramento e beijos — exige talvez um estupro... Ao mesmo tempo cansa-me... Um sentimento novo pouco e pouco se insinua, deixando-me alheado e confuso. Fico surpreso com o azul e cinzento? Esperem, esperem... Vejam como esta luz humedecida e vaga se infiltra no azul e o derrete. Azul e cinzento confundem-se. As vezes as hidrangeas reaparecem e gotejam — ou é o cinzento em gases tão transparentes que deixam ver por trás um fantasma azul e imóvel... De novo a paisagem molhada e triste volta e se queixa, para logo devagarinho se dissolver magoada. O que eu sinto afinal é apreensão ou receio?... É tristeza e cansaço que me veem mais da exuberância que da cinza desfolhada em silêncio sobre todo este azul frágil. É um sentimento que goteja como o orvalho e ao mesmo tempo me acalma. Falta-me não sei o quê — mas tão longinquo, tão aéreo como a paisagem. É tristeza — mas não chega a magoar-me: a cinza empoeira também os meus sentidos e converte-a logo em salidade.

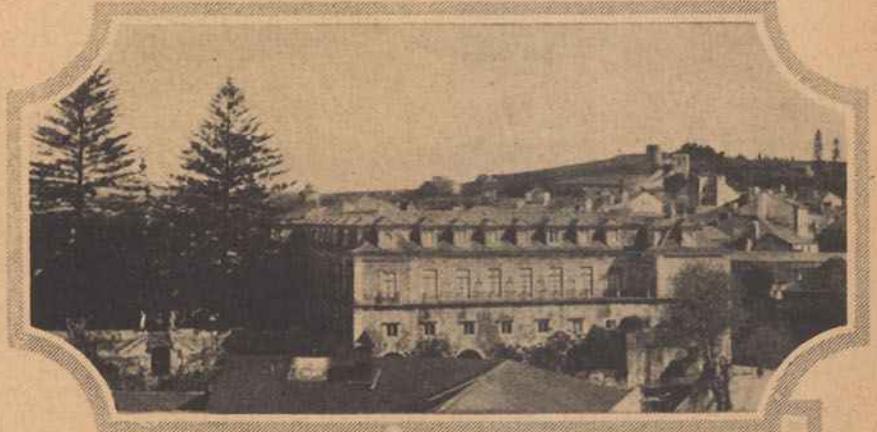
A volta na luz da tarde é um assombro. Vejo o Salão e Pedro Miguel todos azuis de hidrangeas; sigo extasiado pela estrada azul, com o Pico ao fundo e S. Jorge à esquerda formando a enorme baía. É o horizonte de Nápoles mais escuro, a esta hora iluminado por uma luz rica de efeitos. Em baixo colinas, sempre colinas — não como as montanhas solenes das Flores em picos aguçados pelo raio, mas arredondados e mansos. Borbotões de azul despenham-se por todos os lados. O Faial adormece em azul sob o céu de cinza e com o Pico todo violeta ao lado.

A noite não posso dormir: estou encharcado de azul. Vou a pé pela estrada fora sob o luar derretido. Diante de mim abre-se o abismo do mar cheio de estrêlas. Nasceu, subiu a lua numa paz extraordinária, apagando o brilho dos diamantes, mas entre os últimos reflexos vibram os fios das vagas quebrando na costa e desaparecendo logo no boqueirão todo negro. Mais luar e o silêncio que espera de nós qualquer comunicação sobrenatural. Olho. Todas as hortensias se puseram brancas, dum branco perfeito, todas as hortensias não desfitam os olhos de mim, quietas e brancas, imóveis e brancas. Avanço com receio. É uma paisagem sem mácula. Os melros enganam-se nestas noites de lua redonda e branca e desatam a cantar desvairados. O Pico entontecido, cheio de luz e enorme inchou e toma todo o horizonte. Escuto... Bem quero surpreender o mistério destas flores que vivem no silêncio húmido e branco. Fecho os olhos. A existência obscura das plantas, que não tiram os olhos de mim, faz-me perder, a consciência da própria personalidade; sinto outra vida estonteada, dispersa no mundo e mais lúcida — talvez mais lúcida ainda... Caminho, caminho sempre, entre renques brancos, assombrado pelo espectáculo de brancura e sonho. Uma senhora americana não teve mão em si que não desatasse a beijá-las transportada... Eu, de mim, não me atrevo.

Tenho agora medo delas, brancas e puras, oferecendo-se desmaiadas ao luar dum branco extraordinário, dum branco mudo onde se sente um reflexo tênue e doirado do sol. Tudo parou; só o melro desvairado canta entre esta brancura virginal. Não se cala até ficar exausto. E quando deixa cair do bico o fio de harmonia, logo outro melro escondido o apanha e ergue, continuando a tecer o arabesco musical sobre a paisagem branca e extática.

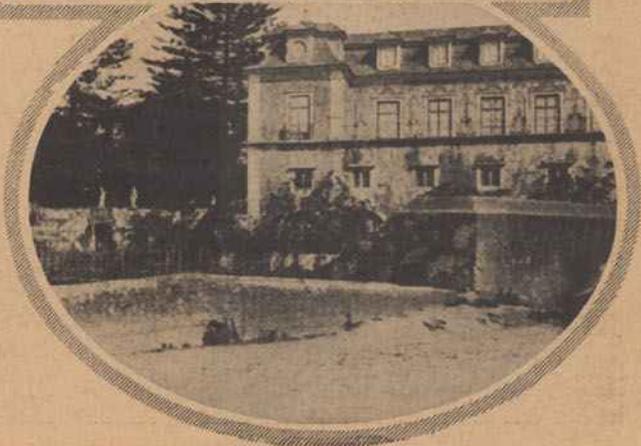
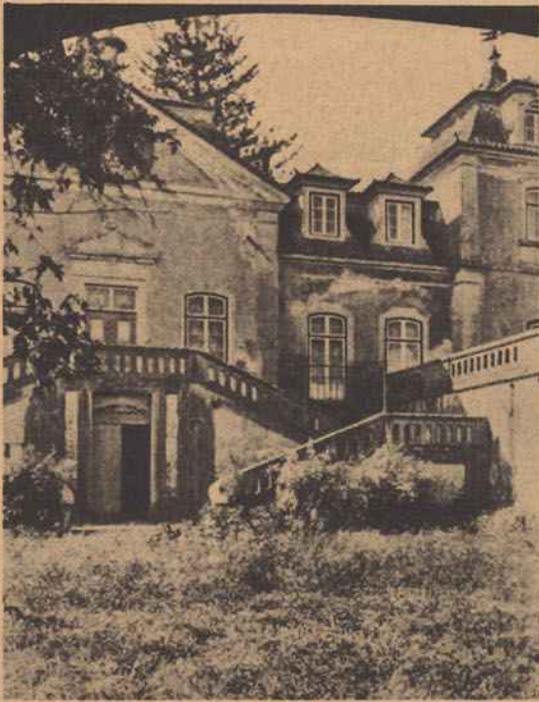
A CASA PORTUGUESA

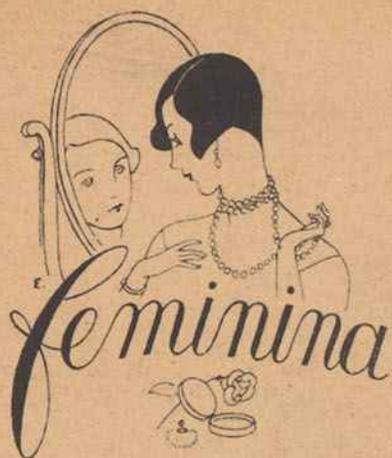
QUINTA
DOS
SNRS. MARQUESES
DE
POMBAL
OEIRAS



UM DOS NOSSOS MAIS CARACTERÍSTICOS SOLARES DO SÉCULO XVIII. MAGNIFICENTE RESIDÊNCIA ONDE SE CONJUGAM HABILMENTE LUXUOSAS DISPOSIÇÕES DE RECREIO COM OS CÔMODOS DUMA GRANGEARIA. NA SUA GRANDE MOLE RÓSEA E MATIZADA DE AZULEJOS, É IMPONENTE ESTE PALÁCIO QUE FOI GIZADO PARA O GRANDE MARQUÊS PELO ARQUITECTO CARLOS MARDEL. VASTOS TERRAÇOS, GUARNECIDOS DE ESCULTURAS, ESTABELECEM LIGAÇÃO COM A QUINTA — OUTRORA MAGNIFICA, MAS ONDE AINDA HOJE SE ENCONTRAM RESTOS DA PASSADA GRANDEZA.

Nos proximos numeros publicará a ILUSTRAÇÃO outros aspectos desta nobre residência





O QUE A MODA
VAI DITANDO



Se, aparentemente, a moda estaciona, numa preguiça de renovação bem evidente, pelo que respeita à linha geral da toilette, não é menos certo que em silêncio, vagarosa e atenta, vai na realidade indicando subtilezas alterações, graciosas e inteligentes correções, ditadas pelo bom senso estético. E assim, a moda vai conduzindo a elegância para um plano de agradável e equilibrado requinte de onde todos os exagêros de mau gosto são banidos. O excessivo encurtamento e estreitamento das saias, por exemplo, foi por completo condenado. As saias usam-se curtas, sim, mas não a descobrirem os joelhos, como tantas vezes se nos deparam... Também a escassez de roda caiu em desagrado, porque, detendo-se um momento a examinar o efeito produzido pela saia-fourreau, a mulher reconheceu que, a dançar, a caminhar, a silhueta feminina apertada num estreito saco, desenhava atitudes deploravelmente ridículas. Tanto bastou para logo a roda se acumular, dissimulada ou não, nas saias dos mais recentes modelos. Em pregas, machos, plissados, franzidos e folhos, a roda é agora bem evidente, bem disposta de maneira a suavizar o recorte dos movimentos, talhando-os grácil e femininamente, sem angulosidades duras.

A colecção dos tecidos para a estação quente é variadíssima; e a todos os instantes, como que a compensar-nos da estabilidade da linha geral da forma, a moda nos envia outros e outros, sempre progressivamente mais belos, de uma extraordinária riqueza de coloridos, de uma leveza quasi imponderável. E que este verão, sobre as areias fulvas das praias, à sombra morna dos arvoredos, as mousselines, os crepes, e os voiles estampados, ressaltarão em ricas policromias, envolvendo em graça juvenil as silhuetas femininas.

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



RÉGUA—AO CAIR DA TARDE...

(Cliché António Teófilo)



MARTINS BARATA — Pescadores (Nazaré)

Com outra disposição, valorizadora, a parte dos aguarelistas, no geral muito fina, daria uma boa sala. Portugal tem hoje uma plêiade de aguarelistas notável em qualquer parte, e cada dia mais numerosa. É a aguarela que dá maior brilho ao actual salão da Primavera, pouco rico nas outras secções.

Não faltou, à cabeça do brilhante rol, o patriarca ilustre da Venteira. O processo não tem segredos para elle. Roque Gameiro, que tem sido o grande acreditador do género, domina-o com magistral segurança, sem que a minuciosidade quasi nuponica de certos pormenores invalide a largueza do conjunto. Em alguns cartões, acomete temas que se julgariam privativos da tela, conseguindo ultrapassar, desesforçadamente, as possibilidades do seu material. Assim a *Chuva no mar*, a bâtega escura somada à espuma esverdeada — húmida redundância caprichosa! Do perfil da costa saloia, *Prata da Urso*, *Arribas floridas*, passa-se a Nazaré, a Ribeira de Avô, e à *Terra dos meus sonhos*, curiosa fantasia do artista-illustrador. A *Procissão dos Passos da Graça* e *Ai petendum pluviam*, garridas e documentadoras, são páginas do futuro Album de Costumes Portuguezes, que, se por cá pudesse haver editores de arte, já devia andar por aí em muitas mãos.

Ao lado do pai, a filha, D. Helena, afirma-se mais uma vez como paisagista e pintora de flores. Tem o dom raro de conciliar o vigor e a delicadeza. Os seus dois quadros de rosas, sobretudo o das *Rosas vermelhas*, são excellentes, como excellentes são o *S. Gonçalo de Amarante*, *Latada em Colares* e o interessante *Contra-luz ao sol*.

Vigoroso também, Alves de Sá é mais duro na maneira. Certos aspectos graníticos do Norte encontraram, por isso, nele um bom intérprete: *Claustro da Sé*, *Trecho da Ribeira*, *Viela perto dos Grilos*, todos do Pôrto, e um agradável *Trecho do Gerez*.

A nota vigorosa, mais estilizada, desprende-se ainda dos *Pescadores* de Martins Barata, talvez o quadrinho mais bem composto da exposição. É ainda de Martins Barata, sempre muito pessoal, outro tipo da Nazaré, *O Pescador de Robalos*, sentado na areia à espera da presa.

Leves de côr e feitura, com brancos por cobrir, as aguarelas de Alfredo Migueis dão-nos paisagens da Madeira — o encantador presépio atlântico.

Eduardo Leite fixou o cunho atraente dos velhos solares de Bertandos, de Mateus, do Cardido e do Palácio de Queluz.

São de notar a *Fonte de S. João* de Tertuliano Marques, os crisântemos de D. Berta Borges, as alegres *Casas de sobrado* de Paula Campos, e ainda alguns trabalhos de Hermano Batista, Eduardo Romero, Alfredo e Narciso de Moraes, Gabriel Constante, etc.

Dos escultores, faltam muitos.

Costa Mota tem uma *Abandonada*, que é das suas melhores coisas. Modêlo correcto, tratado com amorosissimo cinzel.

João da Silva expõe uma redução do *Busto de Julio Diniz*, um *Retrato do cançonetista Casol*, e duas das suas graciosas estatuetas regionais, *Vaqueiro* e *Ajudá*.

Julio Vaz Junior, pouco feliz na concepção do seu grupo *Mãe e Mãe*. A attitude galante da mulher, retezando os seios, briga com a ternura maternal que o autor parece ter querido marcar com o petiz.

Não se percebe muito bem o que, no *Ciume* de D. Aninhas de Gonta Golaço, o homem riha ou dilacera com os dentes, mas não há dúvida que a sua expressão, ao mesmo tempo aborrecida e agressiva, corresponde à ralação dos enciumados. Dar o carácter é meio caminho andado.

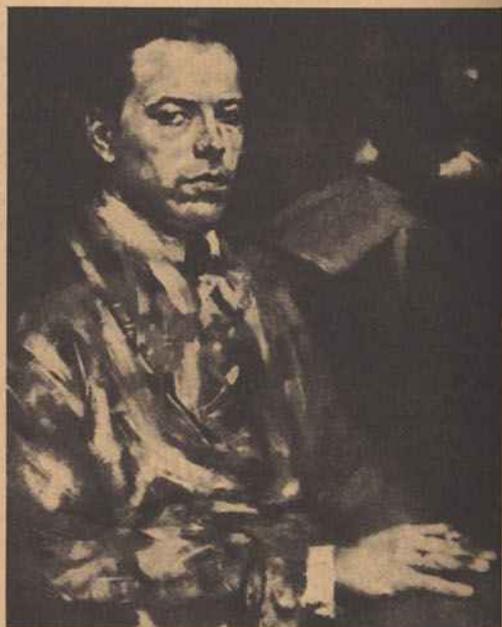
Na pintura, vem à frente Mestre Malhão, com dez trabalhos de pequenas dimensões. *Dar de*



COSTA MOTA — Abandonada

ARTES E ARTISTAS

A 24.^a EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



MARIO AUGUSTO — Dr. Sousa Neves

beber a quem tem sede é um lindo quadro. *Pensando na vida* repete o modêlo agorilado do *Caçador*. Como estudos de luz, há o *Cair da tarde* e o *Nascer da lua, últimos raios de sol*. Pela intenção, apontarei a *Noiva do aviador*, fácil de aproveitar para o quadro maior, que Malhão não trouxe desta vez.

João Vaz, fiel às suas devoções, trouxe quadros de mar; entre elles, uma *Torre de Belém*, muito branca. De Ribeiro Cristino, há duas pontes antigas, Carlos Bonvalot trouxe flores, uma *Sala apul* e *Enlêvo*. Martinho da Fonseca, um so quadro, *O Bailado*. Simão da Veiga também não faltou.

Tenho pressa de citar um novo, Mario Augusto, que se impõe, sem favor, com os retratos do *Dr. Sousa Neves* e *Paulino Monteç*. É um nome que se vai afirmando.

Emérico Nunes expõe dois retratos de senhoras, ensaiando assim novo caminho à sua actividade. Raúl Carapinha tem, em *O Sr. Drumond*, um bom estudo ao ar livre.

Dos pintores do Pôrto, estão Acácio Lino e Joaquim Lopes.

Fernando Santos apresentou o *Festini antigo*, painel destinado ao Café do Chiado. É a classica orgia à romana, e, dentro do batido tema, o pintor esforçou-se por imprimir graça às côres, não se poupando ao trabalho, mas preocupando-se mais com a nota académica do que com a intenção decorativa. Da sua mocidade, já por vezes vencedora, havia o direito de esperar coisa mais do nosso tempo.

Talvez Fernando Santos se reserve para marcar esse contraste no segundo painel, e, portanto, tudo aconselha a suspender, por agora, o juizo definitivo.

Um nome que aparece prometedoramente é o de D. Maria de Lourdes de Melo e Castro Esteves de Brito, de Tomar, e discipula de Malhão, cuja influencia se sente, por exemplo, na *Preterida*, quadro de assunto e paisagem.



CINEMA TOGROFIA

«Silêncio», o filme que presentemente, depois duma triunfal apresentação de dez semanas consecutivas em Broadway, acaba de conseguir em Paris uma retumbante consagração, é um dos mais violentos dramas que a película cinematográfica tem registado. Há algum tempo a esta parte que os grandes centros cinematográficos se persuadiam, pouco a pouco, de que o público se retraiu ante o drama ou a comédia profundamente sentimental e assim, a produção ia-se orientando insensivelmente para o filme alegre de grande metragem. Mas o insosmistável triunfo de «Silêncio» prova que um drama de grande classe continua ainda a atrair a multidão.

Havia muito que se não encontrava, dentro dum filme, uma emoção tão profunda, um entrecho tão dolorosamente humano, uma interpretação de quilate tão subido, bem como uma técnica de tal perfeição. Pode considerar-se este filme como a obra prima do grande ensenador Rupert Julian, o autor célebre do «Fantasma da Ópera» tendo agora como super-visor do seu trabalho o genial Cecil B. de Mille, o expoente máximo do cinema americano.

Na manhã trágica duma execução capital, John Lawrence, um jovem e talentoso advogado, interroga pela última vez o condenado a morte, Jim Warren.

«Sei que o senhor está inocente — diz-lhe o defensor — e portanto peço-lhe que fale. A minha sensibilidade faz-me pressentir um mistério nisto tudo e suplico-lhe que o desvende... salvando a vida!...»

Mas o prisioneiro continuava em silêncio, um terrível silêncio que o entregava, manietado, ao carrasco.

«Percebo perfeitamente que o senhor está consumando um espantoso sacrifício, para salvar o verdadeiro culpado — insiste o advo-

gado — Diga-me quem é!...»

Mas o condenado nada ouve já... Enquanto lá fora, no pátio sinistro, se ouvem as últimas marteladas no cadafalso, vurando a gélida tranquilidade da manhã brumosa e triste, o homem que vai morrer, revê toda a sua pobre vida...

Entrara alucinado, nessa manhã, em casa de Norma Drake. Norma é a sua paixão única, uma mulher caprichosa que o enlouquece e ele precisava redimir-se da sua pobreza, dar à mulher que adora o luxo e o bem estar. Não hesitou e tornou um ladrão vem, com o dinheiro roubado, pedir à mulher fatal que fuja com ele.

Norma é sua amante e um filho vai selar para sempre aquela união.

Mas a fatalidade denuncia o seu roubo e a polícia encontra-lhe a pista, persegue-o e obriga-o a deixar Norma e a desaparecer no desconhecido para salvar a sua liberdade.

Jim vive seis anos no exílio, sujeito aos mais duros e humilhantes trabalhos e depois, cheio de saudades daquela a quem não pode deixar de querer, volta à América, arriscando-se a ser



Jim sofrera a dor sem igual de não poder abraçar a filha...



...era Filipe Powell, o padraсто, que a protegia e aos olhos de todos passava por seu pai

prêso. Norma, sem recursos, para salvar a filha da miséria, ligara-se a um antigo amigo de Jim, Filipe Powers, que casou com ela e reconheceu a criança. O pobre pai sofre a dor terrível de tornar a ver sua filha sem a poder apertar nos braços e foge novamente para longe sem dizer uma palavra, para não destruir a felicidade da criança.

Quinze anos se passam ainda; Norma morreu e sua filha está para casar com um jovem advogado, John Lawrence, a quem ama e que a ama perdidamente. Jim voltou novamente, roído de saudades e o acaso faz-lhe saber que um tal Harry Silvers, indivíduo infame, tendo em seu poder cartas em que se provam as relações que ele, Jim, teve outrora com Norma e a paternidade da linda rapariga, vai iniciar uma chantagem contra Powers, ameaçando revelar publicamente tudo. Jim vê o perigo. É preciso para a felicidade de sua filha que todos a julguem filha de Powers. A publicação das cartas, a revelação de que a pobre menina é filha dum ladrão, será o casamento frustrado e a sua felicidade destruída.

Jim procura Powers e previne-o do que vai suceder. Com efeito, Harry chega e inicia a sua infame exploração. Mas a pobre menina, por acaso, ouve a conversa daquele que julga seu pai com o escroque e quando este, num fraseado odioso, insulta a memória de sua pobre mãe, não se domina e dispara dois tiros de revólver sobre o canalha, matando-o. Na confusão, Powers consegue apoderar-se das cartas e Jim, aproveitando um desmaio de sua filha, declara às autoridades que acodem que é ele o assassino... Estabelecida a sua identidade, o roubo de outrora e o assassinato agora cometido, valem-lhe a pena de morte...

A porta, ao abrir-se para dar entrada aos magistrados, corta a visão do condenado. Chegara a hora terrível.

Mas neste instante, uma linda rapariga



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 53)

Challenger não respondeu. A colera sufocava-o. Contentou-se com sacudir desabridamente o fardo, que levava como uma mochila, e prosseguiu no caminho. Entretanto, lord Roxton aproximou-se de mim e a gravidade dos seus modos impressionou-me. Trazia na mão o *kolak* e disse-me:

— Consegui fotografar o bicho antes dêle se ter metido entre as árvores. Não me arrisco a dizer-lhe que espécie de animal era aquele, mas ia jurar sobre a minha reputação de caçador que nunca vi uma ave daquelas.

Estaremos, na verdade, à beira do mistério? Vamos penetrar, enfim, nesse mundo novo de que nos fala o nosso chefe? Refiro-me ao incidente, porque lhe encontro um certo valor. O caso não voltou a repetir-se e nada mais de notável tenho a assinalar senão isto: que somos chegados ao lugar a que nos destinávamos.

Com êxito, logo que passámos a segunda série de colinas, detrontámos uma planície irregular, semeada de palmeiras, terminando numa muralha enorme de rochas, a mesma que eu vi no quadro de Mayle White. No momento em que escrevo tenho-a diante dos meus olhos e não posso duvidar de que seja a mesma. No ponto mais avançado, dista cerca de sete milhas do nosso acampamento, mas mais adiante torneja, perdendo-se no horizonte.

Challenger pavoneia-se e Summerlee fecha-se num silêncio ainda scéptico. Mas um dia e todas as nossas dúvidas desaparecerão. Aproveito o ensejo de José, a quem um bambu atravessou um braço, querer deixar-nos, para lhe confiar, completamente ao acaso, esta carta, a que, proximamente, se seguirá uma outra, se as circunstâncias o permitirem. Vai junto um mapa sumário da região que percorremos, porque talvez ajude a compreender melhor a descrição.

CAPÍTULO IX

QUEM PODERIA PREVER?

Estamos numa situação horrível. Quem poderia prever semelhante precação? O que eu não posso prever também é o termo dos meus sofrimentos. Estamos ameaçados de ficarmos para sempre prisioneiros neste lugar estranho e inacessível! Não tenho coragem para encarar o presente o futuro, porque o primeiro é horrível e o segundo apresenta-se-me bem negro.

Nunca uma criatura humana se encontrou numa situação semelhante. É inútil, de resto, indicar aos nossos amigos a posição geográfica do sítio onde estamos e pedir-lhes socorro, porque, supondo mesmo que nos pudessem socorrer, o nosso destino ter-se-ia consumado, creio-o bem, antes que os socorros chegassem à América.

Estamos tão longe de qualquer socorro humano como se estivéssemos na lua. Ou sucumbimos ou triunfamos pelos próprios recursos, independentemente de qualquer socorro. Tenho por companheiros três homens notáveis, três homens dum grande poder intelectual e duma coragem à toda a prova e só neles se funda a minha esperança. Preciso de encarar os seus rostos impassíveis para ver um raião de luz entre as trevas que nos cercam. Quero crer que, exteriormente, manifesto um desprendimento igual ao dêles, mas cá por dentro estou muito apreensivo.

Vou descrever pormenorizadamente os acontecimentos que antecederam a catástrofe.

A minha última carta deixára-nos a sete milhas duma muralha de rochas avermelhadas que, sem dúvida, circunscrevem a área do planalto de que nos falava o professor Challenger. A medida que nos aproximávamos as rochas, em certos sítios, pareciam-me mais altas do que êle tinha dito, porque se elevavam a uma altura de mil pés, pelo menos, apresentando à vista aquela sucessão de estrias que, salvo o erro, caracterizam as formações basálticas, como, por exemplo, nos rochedos de Salisburg, em Edimburgo. Lá no alto descortinavam-se sinais duma vegetação luxuriante: por detrás das sebes da beira das rochas, comprimiam-se densamente grandes massas de arvoredo, mas não distinguíamos nenhuma aparência de vida animal.

Nessa noite acampámos num local desolador, mesmo no sopé da muralha, cuja ascensão era impossível, porque, partindo verticalmente da base, lá em cima era inclinada para diante, como se tísse a cair sobre a planície. Não muito

rodisto eu olhei para Summerlee. Pela primeira vez me pareceu que o seu scepticismo ia cedendo, por que o habitual rictus de zombaria não lhe arrepanhava os lábios delgados, antes todo êle denunciava um ar a um tempo constrangido, interessado e surpreso. Challenger, que como eu, o notou, pôs-se a antegosar o prazer da vitória:

— Naturalmente, o professor Summerlee entende que, quando digo pterodactilo, me quero referir a uma cegonha, cegonha de nova espécie, sem penas, com pele curiúcea, asas membranosas e maxilas guarnecidas de dentes.

E, fazendo carêtas, piscando o olho, fazendo irónicas reverências, foi por ali fora, falando, falando, e nunca mais acabaria se o colega lhe não voltasse as costas.

Pela manhã, depois de termos almoçado frugalmente café e mandioca, porque se tornava necessário economizar as nossas provisões, reunimos em conselho para discutir o melhor meio de subir ao planalto.

Challenger presidia, com a solenidade dum



longe do nosso acampamento erguia-se a agulha rochosa, de que me parece ter já falado. Semêlha a agulha duma catedral e levanta-se, coroada por uma árvore, até ao nível do planalto, do qual a separa uma funda ravina. A muralha, no sítio fronteiro à agulha, é, como ela, relativamente baixa, não devendo a sua altura ir além de quinhentos ou seiscientos pés.

— Era ali — disse o professor Challenger, apontando a árvore — que estava empoleirado o pterodactilo. Trepai até meio da agulha antes de lhe atirar. Creio, de resto, que um trepador da minha fôrça conseguiria subi-la até ao extremo, sem que com isso, é claro, se aproximasse mais do planalto.

Quando Challenger falou no pte-

No momento em que escrevo tenho-a diante dos meus olhos e não posso duvidar de que seja a mesma



Não muito longe do nosso acampamento erguia-se a agulha rochosa, de que me parece ter já falado

lord-chefe de justiça. Imaginem-no sentado numa pedra, com o famoso chapelinho de palha às três pancadas, dominando com o imperioso olhar, filtrado através das pálpebras quasi cerradas, enquanto, lentamente, nos ia expondo a situação e as suas consequências.

Nós três, em linha, ouviam-no: Summerlee, reservado e digno, pendurado no seu eterno cachimbo; lord Roxton, delgado como uma lâmina de navalha da barba, flexível e nervoso, apoiado à carabina e não tirando do orador o olhar apaixonado das suas pupilas de água; finalmente, eu, curtido pelo sol e mais robusto pela vida ao ar livre e pela marcha. Por detrás de nós, em semi-círculo, os dois mestiços e os índios.

— Escusado será dizer-lhes — explicava Challenger — que da outra vez tentei por todos os meios escalar a muralha. O que eu não conseguia, a pesar da prática que tenho de subir montanhas, duvido que outrem o faça, mas desta vez tive o cuidado de munir-me dos utensilios de escalada, que então me faltavam e estou certo de que com eles conseguirei atingir o cimo da agulha rochosa. Pelo que diz respeito à muralha, enquanto apresentar aquele rebordo saliente, é inexpugnável. Quando da minha primeira visita, a aproximação da estação húmida e o receio de que as provisões se me acabassem fizeram com que eu tivesse de apressar-me e limitei-me, portanto, a fazer um reconhecimento de seis milhas ao longo da muralha, na direcção de este, sem ter conseguido descobrir uma via de acesso ao planalto. Que devemos, pois, fazer?

— Só vejo um partido a seguir logicamente — disse Summerlee. — Se explorou a muralha para este, sigamos nós na direcção de oeste e procuremos um ponto praticável.

— Bem lembrado — aprovou lord Roxton. — Ia apostar em como o planalto não tem uma grande extensão: contornamo-lo e encontramos um caminho para o escalar ou então voltamos ao ponto de partida.

— Como já disse àquele nosso amiuguinho — replicou Challenger, designando-me, no mesmo tom em que falaria de um garoto de dez anos — é completamente impossível encontrarmos um caminho, pelo menos um caminho fácil, em qualquer ponto do planalto, pela simples razão de que se esse caminho existisse o planalto não estaria separado do universo e não se furtaria, portanto, às leis gerais da sobrevivência. Admito, todavia, que haja por aí alguns sítios por

onde um homem exercitado possa subir, mas por onde um animal pesado e desgastado não possa descer. O que é incontestável é que existe um ponto qualquer por onde se torna possível a ascensão.

— Como é que o senhor sabe isso? — perguntou Summerlee, com um tom de voz irónico.

— Sei pelo álbum de Maple White. O americano que me precedeu teve forçosamente de subir ao planalto para poder ver e desenhá-lo tal monstro.

— Chama-se a isso concluir antes de ter as provas — disse o cabeçudo Summerlee. — Admito a existência do seu planalto, porque o estou vendo, mas nada ainda me revelou que a vida ali exista sob uma forma qualquer.

— Que o senhor admita ou deixe de admitir, isso para mim não tem importância, mas também não me enfado, porque o planalto se lhe impõe como uma verdade incontestável.

— E agora — gritou ele com a voz rouca de emoção — concorda ou não que a vida animal existe no planalto?

— Creio ter já dito que uma franja de verdura guarnecia a beira da muralha. De entre essa franja surgia qualquer coisa redonda e negra que, pouco a pouco, foi avançando sobre o abismo. Era uma grande serpente, com uma cabeça estranha, em forma de enchada. Durante um momento, no claro sol matinal, a serpente balançou o corpo no espaço, fazendo oscilar a cabeça e, lentamente, recolheu e desapareceu entre a folhagem.

Summerlee, absorvido pela curiosidade, não tinha oposto nenhuma espécie de resistência a Challenger, que lhe mantinha a cabeça segura, mas logo, afastando o colega e retomando a sua dignidade, protestou:

— Seria conveniente, professor Challenger, que quando tivesse de me chamar a atenção para qualquer coisa, me não agarrasse pelo queixo. Parece-me que a aparição de uma banalíssima serpente não o autorisava a usar de semelhante liberdade comigo.

— Pois sim, mas a vida existe no planalto — exclamou Challenger, triunfante. — E agora que o facto está demonstrado, plenamente, sem chicana possível por parte seja de quem for, por mais atilado ou obtuso que seja, parece-me que o que de melhor temos a fazer é levantar o acampamento e marchar para oeste, em busca de um ponto de acesso.

O terreno desigual e pedregoso tornava a marcha difícil. Inopinadamente sentimo-nos possuídos de uma grande alegria à vista dos vestígios de um antigo acampamento: latas de conservas de Chicago, uma chave partida que servira para abrir essas latas, uma garrafa com o rótulo de «brandy», uma infinidade de outros objectos semelhantes estavam espalhados pelo chão, juntamente com um exemplar esfarrapado do *Chicago Democrat*, cuja data se tornava ilegível.

— Não fui eu quem acampou aí — disse Challenger. — Por consequência deve ter sido Maple White.

Lord Roxton observava atentamente um grande

feto arbóreo que estendia a sua sombra por sobre o lugar do acampamento.

— Façam favor de vêr — disse ele. — Está aqui qualquer coisa assim com ares dum poste indicador.

Um bocado de madeira rija, pregado na árvore, indicava a direcção de oeste.

— Tem razão — acudiu Challenger — o nosso predecessor, concebendo perfeitamente os perigos da sua empresa, foi deixando atrás de si estes sinais para guiar futuras pesquisas. Talvez mais adiante encontremos outros vestígios da sua passagem.

Com efeito, mais adiante, encontrámos um outro vestígio, mas o mais imprevisto e horrível. Rente à muralha de rochas crescia um enorme massiço de bambus, como aqueles através dos quais tivemos de abrir caminho. A maior parte d'elles tinha cerca de vinte pés de altura, muito grossos na base e muito aguçados nas extremidades, constituindo uma espécie de formidáveis chuços. Ao passarmos, pareceu-me vêr alvejar qualquer coisa entre as hastas dos bambus. Espreitei e vi uma caveira. O resto do esqueleto jazia a distância de alguns pés.

Uma vereda rapidamente aberta através dos bambus, com os machetes dos nossos indígenas, permitiu-nos examinar de perto esses tristes despojos. Do fato restavam só alguns farrapos e uns restos de calçado aderiam aos pés. O morto não podia deixar de ser um branco.

Apanhámos entre os ossos um relógio de ouro, com a marca do fabricante «Hudson, New-York» uma corrente de que pendia uma lapiseira e uma cigarreira de prata, com as iniciais J. C. de A. E. S., mostrando o estado de conservação do metal que o drama não remontava a uma época muito distante.

— Quem seria? — perguntou lord Roxton. — Pobre diabo! Creio bem que não lhe devia ter ficado um osso inteiro.

— E o bambu atravessa-lhe as costelas! — observou Summerlee. — É uma planta que cresce muito depressa, mas em todo o caso não se percebe bem como é que o bambu pode crescer até à altura de vinte pés depois que o cadáver ali está e através do corpo, portanto.

— Pelo que respeita a identidade do morto parece-me que não há dúvidas — disse Challenger. — Quando subiu o Amazonas, para me juntar aos senhores, fui fazendo as minhas pesquisas acerca de Maple White. No Pará nada se sabia a seu respeito. Felizmente eu tinha uma indicação precisa, um desenho do seu álbum que o representa almoçando, em Rosário, na companhia de um eclesiástico. Encontrei o tal padre e, se bem que ele fosse um maçador com o mau gosto de se enfiar sempre que eu lhe demonstrava o efeito corrosivo da sciência moderna sobre as suas crenças, obtive a seguinte indicação: Maple White tinha passado em Rosário havia quatro anos, isto é, dois anos antes do caso fortuito que me tornou testemunha da sua morte. Quando passou em Rosário, Maple White tinha por companheiro um outro americano, seu amigo, chamado James Colver, o qual, não tendo desembarcado, não se encontrou com o padre. Portanto, não pode haver dúvida de que, neste momento, temos diante dos nossos olhos os restos mortais de James Colver.

— E também não pode haver dúvida — acrescentou lord Roxton — de que morreu empalado nos bambus, ou porque tivesse caído ou porque fosse atirado do alto da muralha. Admitindo outra hipótese, como se poderá explicar que ele tivesse podido arrastar-se até ali com o corpo esfarrapado e como explicar ainda o facto de estar o corpo atravessado por bambus, cujas hastas excedem em muito a nossa altura?

Um pesado silêncio se seguiu a estas palavras, cuja verdade todos nós compreendemos. A cornija da muralha avançava sobre o maciço de bambus: indubitavelmente o homem tinha caído acidentalmente ou...? E esta terra misteriosa começava já para nós a rodear-se de trágicos presságios.

Em silêncio retomámos o caminho ao longo das escarpadas rochas, iguais e ininterruptas, como esses monstruosos *icefields* dos mares antárcticos que, segundo dizem, barram o horizonte dum extremo ao outro e dominam, dum altura enorme, os mastros do navio explorador. Ao cabo de cinco milhas nós tínhamos encontrado ainda uma brecha nas rochas, quando, de súbito, sentimos renascer a nossa esperança: numa anfra-

tuosidade da rocha, que a chuva não podia atingir, uma seta grosseiramente traçada a giz indicava-nos a direcção de oeste.

— Ainda Maple White! — disse Challenger. — Ele pressentia que não tardariam a marchar sobre as suas pegadas.

— Mas ele tinha giz?

— Encontrei no seu saco de viagem uma caixa de lápis de «pastel» e recordo-me de que o branco estava quasi consumido.

— É uma prova — disse Summerlee. — Só nos resta continuar a caminhar para diante, como ele nos indica.

Uma segunda seta branca, algumas milhas a diante, deteve-nos diante dum ponto de muralha onde se abria uma estreita fenda. Na fenda, uma terceira seta, com a ponta virada para cima, parecia convidar-nos a subir.

As paredes desta abertura eram tão altas, o pedaço de céu que lá em cima se via era tão estreito e reduzido ainda pela dupla franja de verdura, que a custo chegava até nós uma vaga claridade do dia. Havia já muitas horas que não comíamos e a marcha difícil sobre as pedras soltas do caminho tinha-nos literalmente arrazado, mas os nossos nervos excitados não nos permitiam descançar e, por isso, enquanto por ordem nossa os índios tratavam do acampamento, partimos a tentar a escalada, levando conosco os dois mestiços.

A fenda não media mais, na entrada, de quarenta pés; as paredes íngremes — lisas aproximavam-se rapidamente uma da outra, formando um ângulo agudo; não havia, por ali, nenhuma possibilidade de subir e não era aquilo certamente que Maple White quisera indicar-nos. Descemos até ao fundo da fenda, cerca de um quarto de milha e prontamente o olhar afeito de lord Roxton descobriu aquilo que procurávamos: lá muito em cima, no meio das trevas, percebia-se um círculo de sombra mais densa, que devia ser a entrada duma caverna.

Para nos certificarmos, bastou-nos trepar por cima dos blocos de pedra que se amontoavam contra a parede. Era, efectivamente, uma abertura na rocha e num dos lados desta abertura havia ainda uma outra seta. Era aquele o caminho seguido por Maple White e pelo seu infelizmente companheiro.

Na impaciência em que estávamos, decidimos proceder imediatamente a um reconhecimento. Lord Roxton tinha consigo uma lâmpada eléctrica de bôlso e serviu-se dela para iluminar o caminho. Avançava precedido da pequena mancha redonda de luz e nós seguíamos sobre os seus passos, a um de fundo.

A caverna era devida à acção das águas, que lhe tinham pulido as paredes e juncado o solo de calhaus rolados. Foi preciso baixarmos-nos para entrar.

Na extensão de cinquenta jardas o caminho era plano, depois elevava-se a uns quarenta e cinco graus e a seguir a subida tornava-se tão rápida que tivemos de trepar de gatas, fazendo rolar as pedras debaixo das nossas mãos e de baixo dos nossos pés. Bruscamente, lord Roxton soltou um grito:

— Fechado!

A luz amarelada da lâmpada mostrava-nos um amontoado de rochas que nos tapava a passagem.

— Foi a abóbada que abateu...

Afastámos alguns blocos, sem resultado, expondo-nos a ser esmagados, porque os pedregulhos maiores estavam mal firmados e ameaçavam rolar de escantilhão pelo declive. Evidentemente o obstáculo era irremovível. O caminho por onde Maple White tinha passado já não era praticável.

Silenciosos e abatidos, descemos às apalpadelas, na treva que nos rodeava. Mas antes de chegarmos abaixo, deu-se um caso, que os acontecimentos que depois sobrevieram revestem de uma certa importância.

Estávamos reunidos, em grupo, por baixo da abertura da caverna, quando um bloco enorme veio cair junto de nós, com um estrondo terrível. Tínhamos escapado de boa! E como discutissemos de onde o bloco poderia ter vindo, os dois mestiços, que acabavam de sair da abertura, disseram-nos terem visto o bloco rolar diante deles. Devia, portanto, ter partido do alto da fenda. Erguemos os olhos, mas não distinguimos o menor movimento nas sebes que a or-

avam. Todavia, não podíamos duvidar de que a pedra nos visava, prova evidente de que havia no planalto uma humanidade, que nos era hostil.

Batemos em retirada, vivamente emocionados com o incidente e preocupados com as suas eventuais consequências. A nossa situação, que já anteriormente nada tinha de alegre, podia tornar-se trágica se a oposição voluntária do homem ajudasse o obstruccionismo cego da natureza. Todavia, a nenhum de nós, vindo por cima da sua cabeça aquela orla misteriosa de verdura, ocorreu a ideia de regressar a Londres sem lhe ter devassado os segredos.

De regresso ao acampamento, discutindo a situação, concordámos em que o melhor era continuarmos a nossa exploração em torno do planalto, a fim de encontrarmos um ponto acessível. A muralha, sensivelmente mais baixa, começa a obliquar para o norte e, supondo que ela representava o arco de um círculo, a circunferência não podia ser muito grande. Na pior das hipóteses, dentro de poucos dias encontrar-nos-íamos no ponto de partida.

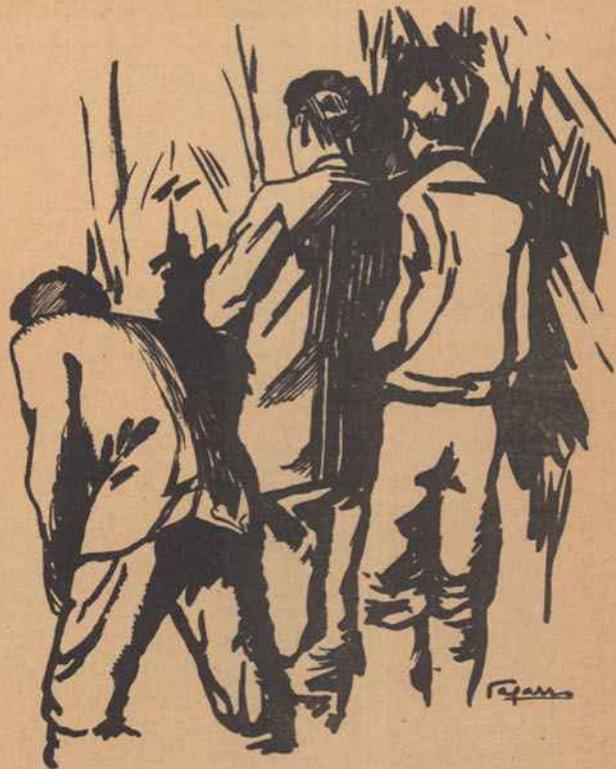
Nesse dia caminhamos vinte e duas milhas sem que se abrisse diante de nós qualquer nova perspectiva. Um pormenor que convém acentuar: sabíamos pelo barómetro que, desde o sitio em que deixáramos os barcos, o nível do solo se elevava constantemente e que devíamos estar a uma altitude de três mil pés, do que resultava uma mudança bastante sensível na temperatura e na vegetação. Estávamos livres das miríades de insectos que tornam insuportável aos viajantes a região dos trópicos. Vêem-se ainda algumas

Lord John Roxton tinha morto um desses animais e a que chamam ajutis, que se parecem com o porco, tinha-o cortado ao meio, dando metade aos nossos índios e pondo o restante a assar para a nossa ceia.

Com o correr da noite a temperatura baixara e nós apertávamo-nos em redor da fogueira. Era uma noite sem luar, mas algumas estrelas brilhavam no céu, permitindo-nos distinguir um pouco da planície ao nosso redor. Bruscamente, do mais espesso das trevas, despenhou-se sobre nós qualquer coisa que agitava uma cauda longa, como a dum aeroplano: durante um momento, duas asas de coiro abriram-se como um docel por cima do nosso grupo e a luz da fogueira distinguimos um comprido pescoço de serpente, dois olhos ferozes, vermelhos e ávidos, um grande bico pendido e orlado, com grande surpresa minha, de pequeninos dentes que reluziam. Um minuto depois a visão tinha desaparecido com o nosso repasto.

Uma sombra enorme, da largura de vinte pés, flutuou no ar; as suas asas monstruosas ocultaram-nos as estrelas durante um segundo e depois desapareceram por cima do planalto. Conservámo-nos tolhidos de surpresa, em redor da fogueira, semelhantes aqueles heróis de Homero que recebem a visita das Harpias, quando Summerlee rompeu o silêncio:

— Professor Challenger — disse ele, com vos grave e trémula de comção — apresento-lhe as minhas desculpas. Não tenho sido justo consigo, peço-lhe que esqueça o que se tem passado entre nós.



Ao passarmos, pareceu-me ver alvejar qualquer coisa entre as hastas dos bambus

Proferiu estas palavras com toda a cortezia e os dois homens, pela primeira vez, trocaram um aperto de mão. Ao menos alguma coisa caminhamos, ainda que a tróca da nossa ceia, com a aparição do primeiro pterodactilo.

Se a vida pre-histórica existia no planalto não devia, contudo, ser muito abundante, porque três dias mais se passaram sem que ela se nos manifestasse. Durante esses três dias atravessámos, na direcção do norte e na de este, uma região estéril e repugnante, em que alternadamente encontrávamos terrenos pedregosos e

ILUSTRAÇÃO

pântanos frequentados pelas aves selvagens. Do lado de este, a região era verdadeiramente inacessível e, se não fosse uma espécie de carroiro praticável mesmo junto a muralha teríamos de voltar para trás. Por várias vezes nos sucedeu encerrarmos-nos até à cintura no lodo dum antigo pântano. Acresce que a região, é infestada de serpentes jararacas, as mais venenosas e as mais agressivas de toda a América do Sul e a cada momento víamos os horríveis animais colearem ou levantarem-se sobre a vasa pútrida dos pântanos, conservando nós, à cautela, sempre as armas preparadas para o que desse e viesse. Conservarei sempre, como um pesadelo, a lembrança dum certo sitio, que parecia ter sido pelas serpentes escolhido para ninho comum. Era uma depressão de terreno em forma de funil, a que os lichens em decomposição davam uma cor lívida. As serpentes fervilhavam nesse lugar, agitando-se em todas as direcções e como as jararacas teem a particularidade, de a simples vista, atacarem o homem e como elas eram muito numerosas para que as pudessemos matar todas, largámos a fugir e só parámos quando estávamos exaustos. Quando olhámos para trás, e também a memória d'este espectáculo jámais se apagará, vimos lhes distintamente as repugnantes cabeças, baixando e levantando, através dos canaviaes. No mapa que estamos elaborando chamamos a este local o «Pântano das Jararacas».

Desta banda a muralha de rochas do planalto mudava de cor, passando de vermelho a cor de chocolate e no rebordo a vegetação era menos densa, mas continuava a ser cada vez mais impraticável a ascensão a pesar da altura se apresentava reduzi-la a trezentos ou quatrocentos pés.

— Todavia — disse eu, no discutir-se a situação — é fatal que as águas da chuva alçures devem ter cavado um escoamento nas rochas.

— O nosso amigo tem lampejos de bom senso! — disse Challenger, batendo-me uma palmada no ombro.

— Sim — repetia eu — as águas da chuva devem ter um escoadouro.

— Certamente elle existe, mas infelizmente, e por nossos próprios olhos nos temos certificado, não deve ser por estas rochas que as águas se escoam.

— Mas então, por onde se somem ellas? — insistia eu.

— Parece-me que se pode presumir que se

as águas se não escoam por fora é porque teem um escoadouro interior.

— Há, portanto, um lago no meio do planalto?

— Sem dúvida.

— E um lago que deve ser uma antiga cratera — acrescentou Summerlee — porque estas rochas são, naturalmente, de formação vulcânica. Seja como for, suponho que a superfície do planalto é inclinada do exterior para o interior, em toda a volta e que, por consequência, há no centro uma grande toalha de água, que comunica talvez por um conduto subterrâneo com o pântano das jararacas.

— A não ser — objectou Challenger — que a evaporação mantenha o equilibrio.

E os dois sábios embrenharam-se numa des-

lar o planalto e porque já não podíamos contar com o caminho traçado por Maple White.

Que fazer? As nossas provisões não diminuiram muito, graças aos recursos que a caça nos proporcionava, mas não deixariam de esgotar-se mais dia menos dia. Dentro de dois meses a estação das chuvas ia começar. Para tentar abrir um caminho numa parede rochosa de tal altura e mais dura do que mármore não tínhamos nem tempo nem os utensílios necessários. Não é, portanto, para admirar que nessa noite nos encarrassemos uns aos outros com um ar sombrio e preocupado e que poucas palavras trocássemos ao procurarmos as nossas coberturas para nos envolvermos durante o sono. Estou ainda a ver Challenger, junto da fogueira, sentado, como uma rã enorme, a cabeça entre as mãos, perdido no seu cogitar, sem atender às «boas noites» que costume dirigir-lhe antes de adormecer.

Mas Challenger, que tão diferente me appareceu ao despertar! Todo elle respirava despreocupação e contentamento de si mesmo! Quando nos reclinámos para almoçar, no seu olhar lia-se um lampejo de falsa modestia, que parecia dizer: «Sim, reconheço que sou merecedor de elogios, mas, por favor, poupem-me!» A barba eriçava-se-lhe de contentamento, arqueava o peito, metia a mão, napoleonicamente, na abertura do cilete, na attitude em que poderíamos imaginá-lo em estátua, em Trafalgar Square — mais um horror a juntar aos horrores artísticos de Londres!

— Eureka! — exclamou elle, com os dentes rebrilhando num esgar de sorriso, por entre a barba. — Podem felicitar-me, senhores, e mutuamente podemos também felicitar-nos. Resolvi o problema!

— Encontrou um caminho para subirmos ao planalto?

— Parece-me que sim.

— De que lado?

Por única resposta Challenger apontou a agulha rochosa. Ficámos — pelo menos eu fiquei — boquiabertos. Challenger queria affirmar a possibilidade de treparmos à agulha? Mas um abismo medonho separava-a do planalto!

— Nunca poderemos transpor o intervalo — gaguejei eu.

— Mas podemos chegar até lá acima — respondeu elle — e logo que estejamos no cimo da agulha eu lhes provarei que as minhas facultades inventivas ainda não estão esgotadas.

(Continua.)



Um minuto depois a visão tinha desaparecido com o nosso repasto

tas discussões scientificas em que para um profano tudo quanto se diz é como se fosse dito em chinês.

Ao sexto dia de exploração acabámos de dar a volta ao planalto e achámo-nos novamente no local do nosso primeiro acampamento, junto da solitária agulha rochosa. Estávamos muito desanimados, porque o exame minucioso da muralha nos tinha convencido de que não havia um único ponto por onde um homem, por mais arrojado, pudesse tentar com probabilidades esca-

mar a possibilidade de treparmos à agulha? Mas um abismo medonho separava-a do planalto!

— Nunca poderemos transpor o intervalo — gaguejei eu.

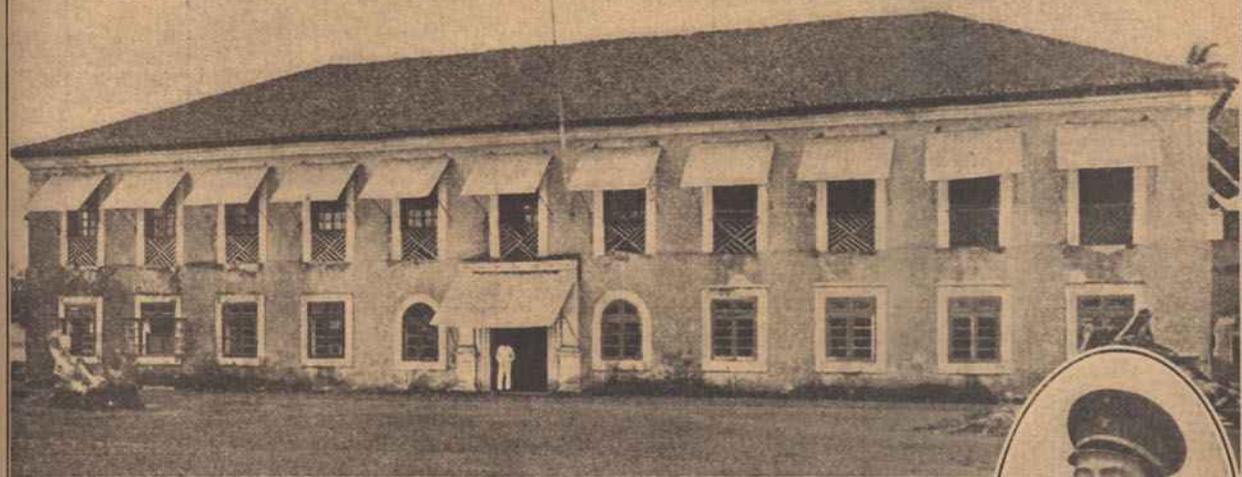
— Mas podemos chegar até lá acima — respondeu elle — e logo que estejamos no cimo da agulha eu lhes provarei que as minhas facultades inventivas ainda não estão esgotadas.

Vêr, nos n.º 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

PORTUGAL D'ALEM MAR

A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE NOVA GÓA



A Escola Médico-Cirúrgica de Nova Góa, tem sido, por vezes, alvo de largas discussões na imprensa de Lisboa. Reproduzimos nesta página a fachada principal daquela Escola, que, embora não esteja a par das suas congéneres da Índia Inglesa, é um dos estabelecimentos de ensino superior que goza de justo renome no nosso Ultramar.

O sr. Dr. Aires de Sá, um dos seus mais prestigiosos professores, epidemiologista muito apreciado e distinto cirurgião, trouxe, não há muito, a lume um excelente opúsculo, em que defende a Escola com grande brilho.

Os alunos formados pela Escola tem demonstrado eloquentemente nas nossas faculdades os conhecimentos e preparação que de lá trazem.

No oval superior: o professor Dr. Idalêncio Froilano de Melo, bacteriologista de nomeada, muito conhecido nos meios científicos estrangeiros e orador brilhante. É o actual chefe dos serviços de saúde da Índia.

No oval inferior: o professor Dr. Aires de Sá, que tem prestado à Escola os mais relevantes serviços, diligenciando imprimir-lhe uma feição moderna, sob o ponto de vista pedagógico.

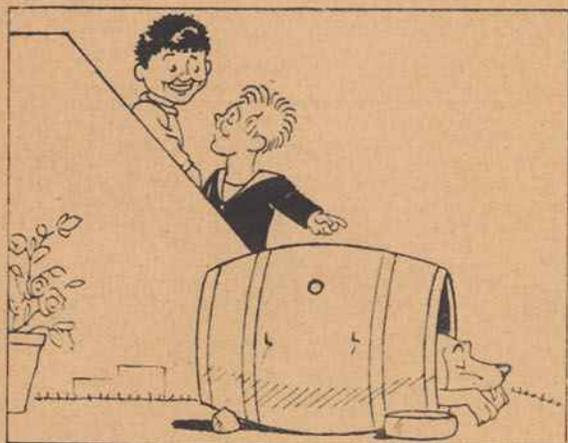


No Lombo. — Rápido e brilhante tem sido o desenvolvimento da cidade do Lobito, um dos melhores portos de Anzola, testa do caminho de ferro de Benguela, que actualmente conta a extensão de 702 quilómetros e cuja penetração visa a região mineira de Katanga. A vida social no Lobito, acompanha no seu desenvolvimento os progressos materiais da cidade e assim, naquele aglomerado urbano relativamente recente, existem já duas agremiações desportivas, o Lobito Sport Club e o Lusitano Sport Club e a Tuna Primeiro de Dezembro, excelente grupo musical composto de treze figuras, sob a regência do sr. Manuel Pinto Cardoso, que se vê à esquerda do grupo que publicamos e de que é director o sr. Carlos d'Almeida (ao centro do mesmo grupo)

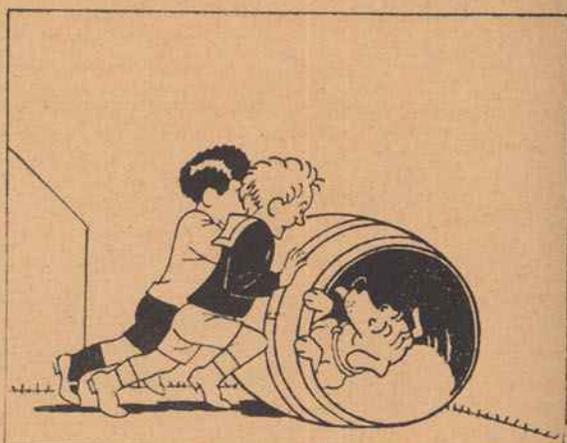


Magina Infantil

O bom exemplo do Tóto,



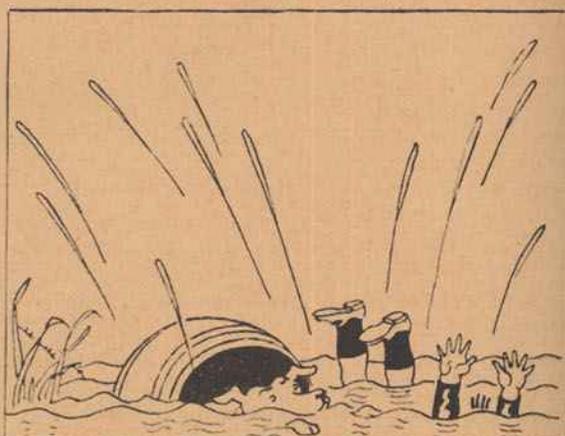
Tóto, o guarda da quinta,
O mais fiel dos molossos,
Dormia, talvez sonhando
Que lhe vinham trazer ossos.



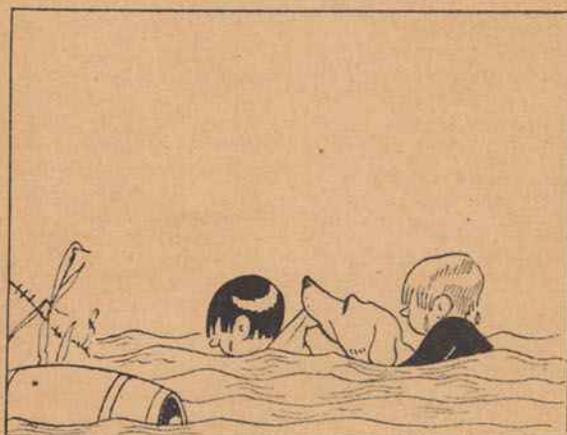
Os dois primos, nesse dia,
Andavam de tal maneira
Que até a maior maldade
Servia p'ra brincadeira.



Rolando a barrica os dois
Vão p'la ladeira arrastados...
No rio caudaloso, ao fundo,
São os três precipitados.



Mergulham como dois pregos! ...
Nada lhes vale o gritar! ...
Em volta não há ninguém! ...
Só Tóto sabe nadar! ...



O Tóto, 'squecendo o mal
Que lhe quiseram fazer,
Obedece ao seu instinto
E não os deixa morrer.



Os primos salvos, repêso,
Juram não mais fazer mal...
... Foi proveitoso o exemplo
Que lhes deu um animal.

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

1	2	3	4	5	6		
7	8	9	10			11	
12	13	14				15	
16		17				18	
		19					
20	21	22		23	24	25	26
		27		28			
29	30	31					32
33	34			35	36		
37							38
		39					

Pai, severo: — Mas que más noças! Tu não tens vergonha de ti mesmo?

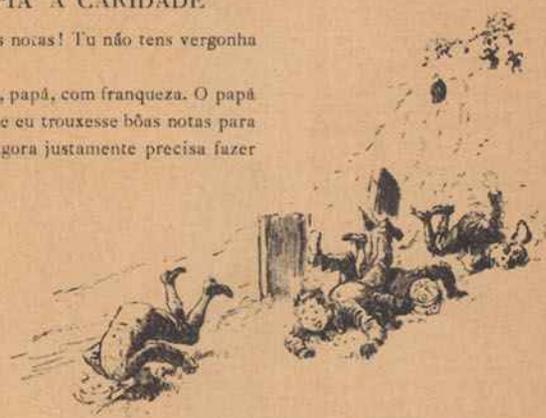
Filho, mau estudante: — Não, papá, com franqueza. O papá prometeu-me cinco mil réis, se eu trouxesse boas notas para casa, e eu sei que o papá agora justamente precisa fazer economias.

■ ■ ■

FÁCIL DE REMEDIAR

Ela: — Parece-me que meu pai nunca poderá ouvir falar no nosso casamento.

Ele: — Perfeitamente; somos nós que lhe falaremos nisso, então.



Entre pais e mães vêem-se aqui seis, aflitos com o trambolhão dos rapazes.

Horizontalmente:

- 1 Número. — 5 Possessivo. — 8 Na América. — 12 Artigo. — 14 Cometer um crime. — 15 Indispensável à vida. — 16 Catedral. — 17 Cargo celestial. — 18 Afirmação alemã. — 19 Sinal ortográfico. — 20 Ruína. — 23 Quimera. — 27 Na Suíça. — 28 Moda. — 29 Artigo árabe. — 31 Herói do ar. — 32 Ande. — 33 Rio da Itália. — 35 Arma do Cupido. — 37 Cognome de um rei. — 38 Lígue. — 39 No Oriente.

Verticalmente:

- 2 Duas letras de Cucilhas. — 3 Animal de Peru. — 4 Cantora afamada. — 5 Mês. — 6 Tempo de um verbo. — 7 Caminhavas. — 9 Pelo chão. — 10 Diminutivo de um nome masculino. — 11 Zanga. — 13 Tecido. — 15 Ópera conhecida. — 20 Bebida. — 21 Letra grega. — 22 Na Ásia. — 24 Quantidade certa. — 25 Proposição. — 26 Astro. — 30 Casa. — 32 Palavra holandesa. — 34 Caminho. — 36 Possessivo.

■ ■ ■

O caixa (apanhado em dar trôco a menos): — Peço desculpa. Todos nós nos enganamos. É perfeitamente humano.

O freguês: — Pois sim, mas a maneira porque o senhor se engana em seu favor é que é perfeitamente desumano.

UM BOM NEGÓCIO



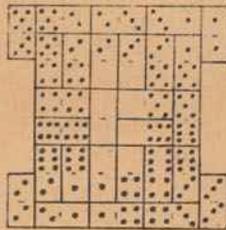
Lili: — Avózinha, gostava de comer boudons de chocolate?

A avó: — Gostava, sim, meu amor.

Lili: — Olhe, então, compre-me a avózinha uma porção d'elles, que eu dou-lhe um, sim?

OS QUADRADOS DE DOMINÓ

(Solução do número 33)



A gravura mostra uma solução exacta, ficando os dois quadrados brancos no centro.

Se no exemplo que apresentámos no número anterior, não acontecesse encontrarem-se os números todos, sem excepção, em qualquer ponto da margem, teria sido um caso fácil, porque bastaria apenas trocar esse número que faltasse com um branco onde quer que este estivesse.

E dessa forma o problema não chegaria a ser problema. Mas em vista das circunstâncias é impossível alguém aproveitar-se de semelhante artifício.

■ ■ ■

Um agiota, citado a comparecer no tribunal para responder por várias injúrias dirigidas a uma das suas vítimas, mostra-se impaciente porque o fazem esperar muito tempo e diz ao porteiro.

— Então chamam-me ou não me chamam?

— Espere, homem. Há outros ladrões a julgar antes do senhor.

PALAVRAS CRUZADAS

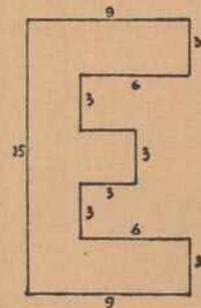
(Solução do número 33)

		B	O	L	A	M	A				
	S	P	E	S		A	F	A	N		
	A	L	I				R	E	U		
A	M	A	R	A			F	I	R	M	E
T		N	E		S	O		C	E	S	
E		A	S	A		T	A	O	P		
N	B		V	E	G	A		P	O		
D	O	R	I		B		S	E	R		
E	L	O		A		O	I	R	A		
	A	M	O	S	S	A	V	A			
	S	A	L			I	A	S			
			B	R	A	Z	I	L			

■ ■ ■

UMA LETRA EM PEDAÇOS

(Problema)



Cortando esta letra E em cinco bocados apenas, poder-se-hão ajustar esses bocados de modo a formarem um quadrado perfeito?

Damos aqui todas as medidas em centímetros para que não haja dúvidas enquanto às proporções exactas da letra.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM FEVEREIRO DE 1927

LITTERATURA

- ARDEL (HENRI) — *Diário duma Mãe*. Romance. Trad. de Oldemiro César. 232 p. 8.^o — 10500
- BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Os Vagabundos* (La Horda) — Romance. Trad. de Agostinho Fortes. 378 p. c. capa il. — 10500
- GASTRO (A.) — *Sonetos*. 101 p. 8.^o
- GHAMPOL — *Dois noivados*. Trad. de Florbela Espanca Lage. 304 p. 8.^o — 10500
- COSTA DE SOUSA (AFONSO) — *Farrapos* (Alvoradas românticas). 70 p. 8.^o
- FARIA (GUILHERME DE) — *Destino*. Versos. 90 p. 8.^o — 8500
- GONZAGA CABRAL (LUÍS) — *Inéditos e Dispersos. II — Teatro*. 482 p. 8.^o — 30500
- JARDIM ARANHA (AURORA) — *Farrapos de Vida Viva*. 3.^a ed. 235 p. 8.^o c. o ret. da A. — 10500
- LEITE (ALNALDO) — *Versos dum portuense*. Pref. do Dr. Campos Monteiro. C. capa il. 130 p. 8.^o — 8500
- MARINHO LOPES (CARLOS) — *Pensamentos e blagues*. 71 p. 8.^o
- MORTE (A) de *Junheiro*. 52 p. 8.^o — 5500
- PAPIM, PAPUSSE & C.^a — *Aventuras cómicas* (Biblioteca Pim-pam-pum) VI vol. 35 p. c. grav. coloridas. — 5500
- REIS MACHADO (AUGUSTO) — *Vida Espiritual*. 72 p. — 10500
- SARMENTO DE BEIRES — *A Cidade do Sol*. — Romance Metapsíquico. 203 p. 8.^o — 7500
- SILVA (J. M. DA) — *História dum condenado*. 112 p. 8.^o
- SOLANO (DUARTE) — *Corôa de Rosas*. 94 p. 8.^o
- SOUSA COSTA — *Amor 1.^o, o Cruel*. Romance duma carioca. 310 p. 8.^o — 10500
- THIÉRY (JEAN) — *Vitimas*. Trad. de Aurora Jardim Aranha. 217 p. 8.^o — 8500
- VAUTEL (CLÉMENT) — *Minha mulher não quer filhos*. Romance. Trad. de Campos Monteiro. 327 p. 8.^o — 10500

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- CORTESÃO (JAIME) — *Do sigilo nacional sobre os Descobrimientos*. Separata do fasc. I da *Lusitânia*. 81 p. 8.^o
- PÉLICO (SILVIO), FILHO — *Curso de história geral e de história de Portugal*. 344 p. 8.^o

SCIÊNCIAS E ARTES

- COSTA (LAURINDO) — *As Contrastarias em Portugal*. 250 p. 8.^o c. ret. do A. e grav.
- COSTA (LAURINDO) — *A evolução do Ensino Profissional*. (Séculos XVIII a XX) 31 p. 8.^o
- GUEBBA (OLÍVIA) — *Breviário do pianista*. 130 p. 8.^o — 7500
- PÉLICO (SILVIO), FILHO e CARLOS ALBERTO PINTO DE ABREU — *A educação moral e a educação cívica nas escolas primárias*. 77 p. 8.^o
- PIRES DE LIMA (J. A.) — *As anomalias dos membros nos portugueses* (Colecção Natura). 177 p. 8.^o e. grav.
- ROSA (JOÃO) — *Iconografia Artística Eborense*. Subsídios para a história da arte no distrito de Évora. C. pref.^o do dr. Manuel de Sousa Pinto. 260 p. 4.^o e 35 p. de notas, 8.^o c. grav. e fotg. — 10500
- SOBRAL CID — *Aspirações universitárias*. A Universidade ao serviço da Nação. 51 p. 8.^o

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



ALBERTO INSÚA

Na pequena nota que, no penúltimo numero desta revista, inserimos, dentro desta mesma secção, salientando a actividade lusófila, no campo literário, do distinto publicista e diplomata cubano, sr. Edmundo de Mora, ajudamos a Alberto Insua, compatriota daquelle e um dos nomes vitoriosos da novela espanhola contemporânea, como participante desse grato esforço em favor das nossas letras. Dissimos então que elle, como director da Editorial Renacimiento, de Madrid, se propusera difundir nos vastissimos mercados que os livros espanhois disfrutam, quer na peninsula, quer nas Americãs filhas da sua raça, algumas das obras mais representativas do actual movimento literário portuguez. Esta iniciativa, que não se limitou a promessas e que é de molde a inspirar-nos só reconhecimento e simpatia pelo illustre escritor, de sobra justifica a inclusão da sua vera effigie e do seu nome nesta galeria de amigos das letras portuguezas. F. tanto mais honrosa a amizade de Alberto Insua por nós quanto é certo que se trata de um valor literário de primeira plana, de cuja pena de novelista, possuidora de superiores dotes de observação e de uma técnica segura e audaciosa, teem saído livros admiráveis. Felizmente, a sua obra já se não encontra por completo ignorada do nosso publico. Merce de boas traduções de alguns dos seus vigorosos romances, apparecidas entre nós nos últimos tempos, o nome de Alberto Insua tende a vulgarisar-se em Portugal. O Preto que tinha a alma branca e A Mulher que precisa de Amor, ambos pertencentes á Colecção de Hoje, são romances seus, de uma originalidade palpitante, em que o estudo dos caracteres e dos meios, no primeiro o teatral, no segundo o literário, são feitos com mão de mestre.

MEDICINA

- GASTRO FREIRE (LEONARDO) e LUÍS FILIPE QUINTELA — *Um caso de doença de Gucher*. Estudo clinico e anatomo — patológico. 52 p. c. estampas.
- COSTA (A. CELESTINO DA) — *A Histologia e a Embriologia*. (Faculdade de Medicina de Lisboa — O Ensino Médico em Lisboa). 208 p. 8.^o c. estampas.

SCIÊNCIAS CIVIS

- GUSMÃO MADEIRA (MÁRIO) e RUI DE LIMA PEREIRA DE MELO. — *Notas á lei do inquilinato*. I parte. 70 p. 8.^o — 6500
- LOPES DIAS (JAIME) — *A Junta Geral na vida administrativa portuguesa*. 45 p. 8.^o
- PEREIRA NETO (JOÃO) — *Legislação usual sobre processo civil e comercial*. 128 p. 8.^o — 15500
- PINTO LOUREIRO e MÁRIO DE ALMEIDA — *Inquilinato civil e comercial nos tribunals*. (Actualização e anotações). 327 p. 8.^o — 20500
- REIS (JOSÉ ALBERTO DOS) — *Reforma do processo civil e comercial*. — I parte — Relatório e texto dos Decretos n.^{os} 12.353 e 12.488. 42 p. — 13550
- VAZ SERRA (ADRIANO PAES DA SILVA) — *A Enfitese no Direito Romano, peninsular e portuguez*. II — 237 p. 8.^o

POLIGRAFIA

- BREVE ROTEIRO do viajante em Tomar e arredores... 15 p. — 1500
- GARMO JOSÉ PEDRO DO — *Touros*. (Arte Portuguesa). 198 p. 8.^o — 0500
- SANTANI (LOUIS) — *Mussolini, Garibaldi e C.^a* — Trad. de A. Augusto dos Santos. 208 p. 8.^o — 8500

REVISTAS E MAIS PUBLICAÇÕES

Apareceu agora uma nova revista intitulada *Semana Portuguesa*, dirigida pelo sr. Calado Rodrigues e prometendo a colaboração dos escriptores e jornalistas portuguezes de maior nomeada. E semanal e contém um grande numero de secções, desde a politica á humoristica, passando pelas cinematográfica, taurinica, artistica, literaria, teatral, musical, etc.

— A Associação Protectora dos Animais está dando a lume, com regularidade, o seu órgão, o *Zoófilo*. Seu conteúdo é pautado pelas ideias filantropicas que distinguem aquella agremiação: incitar os homens a tratarem com carinho os irracionais que, nalguns dos seus mais árduos trabalhos, os conajuvam.

— Nos seus tomos trimestrais, continua a publicar-se a *Revista de Guimarães*, editada pela Sociedade Martins Sarmento. Problemas de história local e geral, folk-lore, linguagem, arqueologia, etc., são versados nas suas páginas com amplitude e saber.

— Num grosso volume, foi-nos enviada a *Estadística do Comércio e Indústria da Provincia de Moambique*, relativa a 1923, organizada, com muita proficiência, pela Direcção Geral das Alfândegas daquelle nossa possessão. Seus quadros, mapas e gráficos são precedidos dum intelligente relatório firmado pelo sr. Marino da Fonseca, que superintende naquelles serviços.

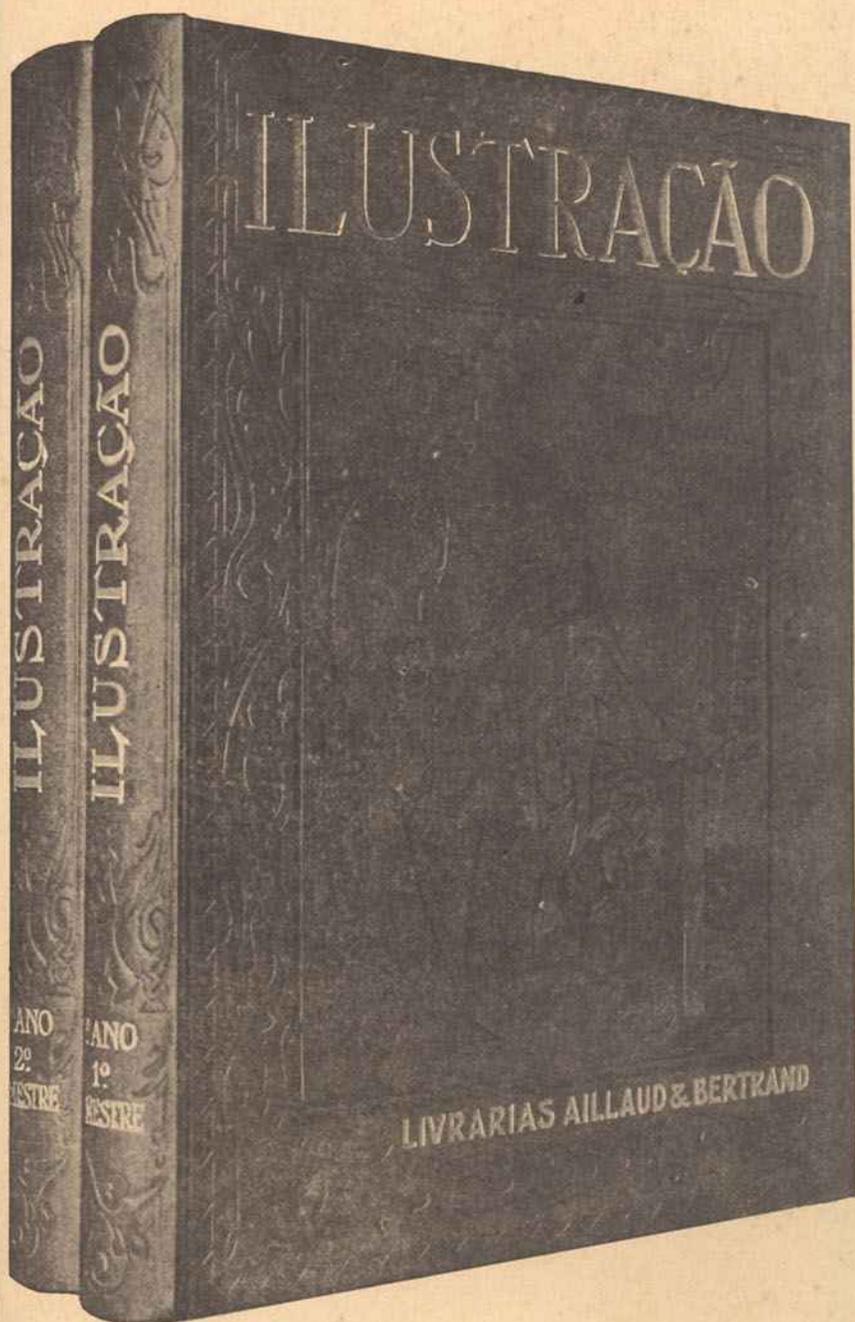
As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao cambio do dia

ASSINATURAS DA "ILUSTRAÇÃO"

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22500	Escudos 44500	Escudos 88500
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL .. .	" 25500	" 50500	" 100500
INDIA, MACAU E TIMOR .. .	" 27500	" 54500	" 108500
ESPAÑA .. .	" 24500	" 48500	" 96500
ESTRANGEIRO .. .	32500	64500	128500

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume
encadernado

ESC. 68\$00

Capa em percalina
com ferros especiais
para cada volume

ESC. 12\$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20\$00

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS

AILLAUD

E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

As palavras «Fruit Salt» — Sal de Fruta e «ENO», assim como o rótulo, são marcas da fábrica registadas.



A Supremacia do “Eno” está justificada

Durante mais de 50 anos ENO'S «Fruit Salt» conquistou pelas suas qualidades terapêuticas, a aura universal como salvaguarda natural da saúde; em todo o mundo é tomado por novos e velhos.

De que depende a saúde? Dum simples gesto que se faça ao despertar. Deitar num copo de água uma colherada de ENO'S «Fruit Salt», pó fino e branco, que não contém nem assucar, nem sal mineral purgativo, mas que contém a maior parte das propriedades benéficas dos frutos.

ENO oferece-vos meio mais agradável, o mais seguro e o mais suave de vos preservar contra a constipação, as náuseas, as digestões laboriosas e as enxaquecas que alteram a cor do rosto e prejudicam a actividade.

ENO é verdadeiramente o amigo do estômago, do fígado e do intestino — portanto o auxiliar natural da boa saúde. A sua composição duma pureza ideal, e a sua eficácia regular, estabeleceram há mais de cinquenta anos a superioridade mundial do ENO.

Uma colher das de café, num copo de água, de manhã e à noite

“SAL DE FRUCTA” MARCA DE **ENO** ENO'S “FRUIT SALT” FABRICA

Depositaríos em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^o LTD.

8, Cais do Sodré — LISBOA